

CAPITULO IX

A EXPRESSÃO VERBAL

Phase de interesse glossico. Origem e evolução da linguagem infantil. A linguagem egocêntrica e a linguagem socializada. O mecanismo neuro-muscular da linguagem. O grito. O balbucio: a fonética infantil. A função da imitação e do jogo. A palavra: a compreensão e a denominação. A phrase: estrutura condensada, estrutura aglomerada e estrutura logica. O vocabulario infantil. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

Phase de interesse glossico.

Com o aprendizado dos movimentos da apreensão e da marcha não tem concluído a criança as suas aquisições motrizes. As possibilidades de dominio sobre o mundo exterior ainda se acham restrictas ao espaço abrangido pelos movimentos e pelos sentidos quando a criança adquire novo mecanismo motriz, com o qual alarga e aprofunda aquelle dominio. Entre 2 e 3 annos desenvolve-se de maneira surpreendente o aprendizado da linguagem articulada, graças a um subito desembaraço dos mecanismos neuro-musculares que o condicionam — é a ultima etapa das aquisições motrizes. Mas é preciso considerar que a linguagem não é apenas um mecanismo motriz; envolve igualmente processos mentaes mais ou menos contemporaneos da articulação das palavras.

O periodo culminante desse desenvolvimento se acha compreendido entre aquelles annos — periodo denominado do interesse glossico; este periodo é entretanto precedido de uma larga preparação. Desde os primeiros mezes que a criança ensaia por meio do grito e do balbucio fazer-se comprehender — sair dos estados puramente affectivos; e durante toda a segunda infancia a linguagem continúa a desenvolver-se até adquirir a sua função completa dentro do grupo social. Mas é durante aquelle curto periodo que os psychologos chamam do interesse glossico, que a linguagem culmina pela sua rapida expansão. A energia da criança parece quase exclusivamente concentrada nesta nova aquisição, de uma importancia capital para o desenvolvimento dos processos mentaes e para a adaptação do individuo ao meio social em que tem de viver.

Como é nosso proposito estudar sobretudo a conducta in infantil sob os seus aspectos mais variados, a linguagem será tratada como uma forma de expressão, ao lado de outras formas igualmente typicas e importantes — a expressão graphica e a expressão ludica.

Origem e evolução da linguagem infantil.

A linguagem no seu ponto de partida tem sido objecto de interminaveis controversias entre *nativistas* e *empiristas*. Para os primeiros a linguagem é considerada como uma capacidade innata — instrumento de origem espontanea dependente da organização hereditaria, patrimonio commum da humanidade. Esse character instinctivo da linguagem é negado pelos segundos, para os quaes a linguagem é uma pura aquisição das primeiras idades, sujeita a influencias variaveis do meio e da imitação. Entre as duas theorias ha lugar para uma intermediaria — a que considera a linguagem como uma actividade instinctiva naquillo que diz respeito á necessidade de exprimir-se o individuo, mas sujeita ao mesmo tempo ás influencias do meio social. O conteúdo da linguagem — as estruturas verbaes estariam subordinadas á capacidade de imitação ainda fraca da criança e dahi ter a sua linguagem caractéres especiaes que lentamente hão de se modificar tendendo para o padrão do grupo social.

Antes de estudarmos particularmente cada etapa de desenvolvimento da linguagem, desde o seu esboço inicial com o grito, até a organização grammatical da phrase, passaremos em revista os caractéres mais sensiveis desse mesmo desenvolvimento.

Considerando a linguagem a partir do momento em que a criança emprega as primeiras palavras, podemos notar um rapido progresso como se houvesse um imprevisto desembaraço dos mecanismos neuro-musculares. A articulação das palavras tende então a aproximar-se cada vez mais em precisão e clareza da elocução adulta. A principio a criança emite apenas palavras isoladas como manifestação de desejos e de acção — palavras que persistem as mesmas durante um certo

tempo. A interpretação exacta dessas palavras destacadas é que ellas não significam individualmente objectos ou sêres, mas phrases syntheticas com um só vocabulo — *phrases univocabulares*, conforme a expressão de Koffka (1). Com pouco tempo, a criança começa a surpreender as pessôas da familia com o emprego de innumeradas palavras novas, para exprimir situações que até então não conhecera. Esse progresso é acompanhado de uma descoberta da criança, de grande importancia no processo evolutivo da linguagem: é a descoberta de que as cousas teem um nome. Dahi por diante a criança não se fatiga em indagar como as cousas se denominam. *Que é isto ?* — é a pergunta constante que ella tem para toda novidade. A phrase univocabular se transforma em plurivocabular e seu conteúdo em lugar de ser condensado, exprimindo sobretudo reacções emotivas e motrizes, passa a significar cousas por meio de substantivos. Constitue esta transformação um momento decisivo da linguagem infantil. A linguagem de emocional que era, modifica-se em conceitual. Segundo Koffka as cousas devem ter uma existencia como estrutura anterior á sua denominação, mas os nomes concorrem para maior precisão das *cousas*. Gradativamente as phrases plurivocabulares vão se tornado mais complexas com a intromissão de termos que significam as acções, as relações de causalidade, de fim, etc. A phrase tende a se organizar grammaticalmente a serviço das exigencias de communicação da collectividade.

A linguagem egocentrica e a linguagem socializada.

Acompanhando de perto as conversações entre crianças, chegou J. Piaget á conclusão de que a linguagem infantil não é apenas usada como uma necessidade de communicação (2). Stern e Meumann já haviam observado que os nomes empregados a principio pela criança não significam conceitos, mas exprimem ordens e desejos. Estas expressões poderão parecer aos adultos com um significado conceitual, mas na realidade ellas teem um valor puramente affectivo, muitas vezes quase magico. Por isso, affirma Piaget, que antes de ser um instrumento de socialização, a linguagem é uma manifestação do egocentrismo infantil (3).

Na phase da linguagem egocentrica a criança não se preocupa em se fazer entendida, nem mesmo se uma outra pessoa a escutar. “Fala — affirma Piaget — ás vezes para si mesma, ás vezes pelo prazer de associar a quem quer que seja a sua acção immediata” (4) Na verdade não pode ter outra denominação senão egocentrica a linguagem que é usada pela criança a falar a si propria, sem procurar situar-se no ponto de vista de outrem. Como que a criança permanece fechada dentro do seu mundo que não vae alem dos interesses immediatos. As palavras que emprega, de sentido vago e aparentemente illogicas, identificam-se perfeitamente com as acções que exprimem e valem como satisfação dessa mesma necessidade de movimentos, independentes de qualquer compreensão alheia. Do mesmo modo a intervenção do pensamento alheio não chega a modificar o curso de suas expressões verbaes, visto como este curso representa o seu proprio impulso de agir. O seguinte dialogo entre duas crianças de quase 3 annos prova o caracter egocentrico de sua linguagem:

M — Agora vou brincar de automovel — (E puxou a cadeira).

Z — Ahi é a boneca.

M — Boto aqui este negocio aqui dentro (Era uma lata).

Z — A boneca está dormindo.

M — Sae Z.; o automovel vae correr. (E foi interrompida pela ama que a levou para o banho).

Cada phrase vale pela acção que ella inicia immediatamente. Nenhuma das duas crianças parecia ouvir o que dizia a outra; ambas agiam independentemente, sendo apenas interrompidas quando uma embaraçava a acção da outra.

A pouco e pouco, a criança vae se desprendendo do seu egocentrismo e a phrase passa a ser articulada em virtude do conflicto dos interesses ou do ponto de vista contrario. O interlocutor é neste caso um ponto de referencia. Quer assentindo, quer contrariando, a criança fala para communicar o que pensa ou o que vae fazer. O dialogo torna-se possivel pela permuta de proposições que teem um nexu, como pergun-

ta e resposta, como ordem dada e obedecida, como ameaça e defesa, etc. É a linguagem socializada.

A linguagem egocentrica offerece, segundo Piaget, varias modalidades: a repetição (vestigio do balbucio), o monologo, e o monologo a dois ou colectivo (sem preocupação de se fazerem compreender). Igualmente a linguagem socializada compreende varios typos: a critica (discussão em que uma criança procura affirmar uma superioridade), a ordem e a ameaça (influencia da palavra de uma criança sobre a conducta de outra), a pergunta e a resposta (dialogo em que as crianças se entendem) (5). Vemos por esses varios typos de linguagem uma differença capital entre as duas phases — a egocentrica e a socializada. Notamos ainda que não ha limites definidos entre ellas. A socialização faz-se a custa de uma adaptação lenta, persistindo por muito tempo os vestigios do egocentrismo absorvente.

O mecanismo neuro-muscular da linguagem.

O funcionamento da linguagem exige necessariamente uma organização neuro-muscular que se acha ainda muito longe de ser sufficientemente esclarecida. A investigação de uma possivel localização de centros da linguagem tem sido tentada por meio do methodo pathologico, isto é, são as doenças da linguagem que teem levado physiologistas e psychiatras a fixar os mecanismos psycho-physiologicos da palavra. Desde os primeiros estudos da *aphasia* feitos por Broca até as recentes pesquisas de Head, Pieron e Henschen que o problema da localização dos centros da linguagem espera solução.

Segundo a classica concepção ha duas grandes regiões que presidem as funções da linguagem: uma bulbar que se encarrega dos movimentos respiratorios; e uma cortical, no hemispherio esquerdo, em que se encontram os centros da palavra. O centro da *expressão* estaria localizado ao nivel da 3.^a circumvolução frontal — centro de Broca, segundo uns, e na zona lenticular, segundo outros. O centro da *compreensão* estaria situado na zona de Wernicke e se dividiria em dois: o da *linguagem falada* ou das *imagens auditivas*, ao nivel da 1.^a

circumvolução temporal; e o da *linguagem escripta* ou das *imagens visuaes*, ao nivel da prega curva. Estas localizações tem sido controvertidas. Segundo a theoria de Head os centros cerebraes são apenas centros de *coordenação* e não de funções especializadas. De maneira geral admite certas zonas que participam do mecanismo da linguagem, mas essas zonas não podem ainda ser localizadas com exactidão (6). Entretanto, segundo as mais recentes investigações pode-se considerar que a zona de Wernicke — metade posterior das duas primeiras circumvoluções temporaes e a prega curva — desempenha papel importante na compreensão dos symbolos da linguagem, emquanto que a parte anterior, de limites ainda pouco precisos, exerce uma função especial no processo de evocação das imagens verbaes.

A natureza e o numero de imagens verbaes é outro problema discutido. Tem-se admittido modernamente a existencia de imagens auditivas e visuaes, visto como são as imagens dos objectos associadas ás lembranças auditivas e visuaes das palavras que permittem a compreensão. Quanto ás imagens motrizes negam os autores modernos a sua existencia. Não ha evocações dos movimentos necessarios á articulação, mas simples mecanismos motrizes fixados graças ao habito. Em logar de imagens motrizes devemos então admittir habitos de articulação dos sons. Esses movimentos de articulação produzem sons de duas categorias— os sons *puros*, que são produzidos pela passagem do ar nas cordas vocaes; e os sons *modificados* que são produzidos em niveis differentes dos orgãos chamados articuladores — bocca e fossas nasaes. Para que as vogaes sejam emittidas é preciso que a bocca funcione como uma verdadeira caixa de resonancia, óra alongando-se, óra retraindo-se. As consoantes formam-se graças a movimentos especiaes, da pharynge, da lingua e dos labios.

O grito.

A primeira manifestação vocal da criança é o *grito*. A entrada subita do ar nos pulmões provoca logo ao inicio da vida a emissão de sons confusos — é o grito que dá indicio de

vida. E' um acto puramente reflexo sem nenhuma relação com as necessidades primordiaes — inteiramente despido de significação symbolica. Compayré referindo-se ás primeiras manifestações vocaes nesta época, caracteriza-as pela sua espontaneidade e pela ausencia de sentido (7).

Podemos notar nos dois primeiros mezes da vida uma certa evolução do grito. Iniciando-se como um reflexo respiratorio, cêdo passa a exprimir necessidades e estados affectivos elementares. A fome, o mal-estar, a dôr e o prazer são revelados por meio de gritos. Em seguida o grito se tornará uma especie de jogo, sobretudo por occasião dos estados de satisfação organica: os grunhidos, os chilreados, os grasnados são expressões vocaes frequentes na criança nova. Por fim o grito é utilizado intencionalmente como uma reacção de sentido definido. O aspecto symbolico do grito decorre de uma experiencia adquirida pela criança. Logo ella nota uma relação entre os seus gritos e o effeito que produz: as suas necessidades são sempre satisfeitas em consequencia da sua vocalização; dahi por deante gritará para obter os mesmos effeitos, graças a uma especie de consciencia da utilidade dos mesmos. As pessoas familiares com facilidade sabem distinguir as diferentes variantes que o grito pode ter segundo as situações: grito de fome, grito de dôr, grito de somno, etc. É a opinião de Bühler (8).

Preyer conseguiu classificar os diferentes sons emittidos nesta época; são numerosos e de difficil representação. Alguns desses sons são tão estranhos que impossivel se torna a sua classificação entre as linguas humanas (9). Aos poucos a criança irá se fixando em determinados sons emquanto os estranhos desaparecerão por completo; ella perderá o que Preyer denomina o *delirio lingual* para definir a extraordinaria plasticidade vocal dos primeiros tempos.

O grito tem sido objecto de attenção dos que procuram esclarecer as origens da linguagem humana. Dos gritos iniciaes, significando necessidades, desejos de acção, emoções elementares, etc. resultaria, por etapas successivas, o apparecimento da linguagem conceitual. Assim, empregado a princi-

pio como um meio rudimentar de expressão, o grito ganharia um valor symbolico por imposição da vida collectiva. A riqueza em sons difficeis das linguas primitivas seria uma comprovação de que ellas nasceram da transformação dos gritos fundamentaes. E' aceitavel semelhante hypothese?

O balbucio: a phonetica infantil.

Entre 2 e 3 mezes as expressões vocaes da criança apresentam caractéres differentes. Observa-se uma tendencia accentuada para a articulação cada vez mais precisa de sons. Diz Delacroix que do grito a criança chega á linguagem por tres vias: o *balbucio*, que é uma emissão phonetica espontanea, a *imitação mecanica*, sob a dependencia do meio, e a *compreensão das situações*, que é o conhecimento do valor symbolico das palavras (10). Desperta e entregue a si mesma, ou manipulando objectos, a criança emite sons sem nenhuma significação como elementos conceituaes. É um constante balbuciar que apenas traduz um estado particular de satisfação organica ou uma especie de reforço dos movimentos executados com as mãos. Por isso é que Bühler define o balbucio como vozes que se produzem por occasião das situações agradaveis em series sem fim (11). A criança parece utilizar essas vozes em brinquedo, á semelhança do que acontece com os seus proprios movimentos.

Qual a função do balbucio? Os autores tem procurado dar uma interpretação dessa repetição aparentemente inutil de sons. Julgam uns que se trata apenas de um exercicio dos órgãos vocaes — uma preparação que permite um aperfeiçoamento organico e uma maior possibilidade das aquisições futuras. Outros, entretanto, consideram o balbucio como uma simples exteriorização do equilibrio funcional: a criança balbucia para manifestar uma satisfação especial das suas necessidades elementares. Mas o facto é que ella não balbucia somente quando se encontra nessa situação de prazer physico. Ella tambem balbucia e talvez mais ainda quando tem nas mãos o sapato ou qualquer outro objecto. Por isso é mais razoavel que o balbucio seja ao mesmo tempo uma manifesta-

ção de character affectivo e uma necessidade de expansão motriz tão imperiosa quanto os proprios movimentos dos membros.

Segundo Preyer, durante alguns mezes a criança permanece em relação á linguagem num estado puramente *receptivo* que precede a utilização das palavras com um significado proprio. Um seu filho aos 18 mezes era capaz de obedecer a ordens simples, de voltar a cabeça quando ouvia o seu nome, mas não sabia servir-se por si mesma de sons como um meio expressivo de seus proprios desejos (12). Na realidade a criança começa a compreender as pessôas em torno, antes de interpretar as suas palavras. Ainda é preciso notar que muitas vezes as palavras ouvidas teem um significado para a criança não pelo valor intrinseco, mas pela entonação ou pelos gestos ou mimica da pessôa que as pronuncia. A interpretação da entonação e das attitudes é muito precoce. A criança que deseja apanhar um certo objecto, ao ouvir a expressão *pega!* — dita de uma certa maneira, como ameaça, immediatamente recuará. Vê-se que não é a palavra em si que possui valor symbolico, mas a inflexão com que é articulada.

Se analysarmos os sons empregados pela criança nesta época, ficamos surpreendidos com o seu numero e a sua natureza. Elles ultrapassam as vozes usadas em todas as linguas humanas. Affirma Delacroix que essa extraordinaria plasticidade do balbucio é uma necessidade nesta época da vida: permite-lhe um grande poder de assimilação de qualquer lingua, por influencia do meio social (13). Não é uma interpretação satisfactoria esta que Delacroix dá á variedade e complexidade dos phonemas do balbucio. Os sons estranhos e difficeis que a criança emite em nada favorecem as acquisições posteriores; esses sons são em certo momento esquecidos conforme observa Pavlovitch e mais tarde quando surge a necessidade de readquiri-los notamos o esforço e as tentativas para a sua correcta articulação (14). Não é a mesma coisa articular por brinquedo — affirma Jespersen — e articular no momento opportuno. É o que acontecé por exemplo com as consoantes gutturaes e palataes — o R, o LH e o S são as consoantes mais difficeis de articular. Ha uma tendencia gene-

realizada para abrandar o R forte ou mesmo para omittí-lo completamente: *paia* (para), *paiêde* (parêde); igualmente o LH é omittido ou transformado em L: *mio* ou *milo* (milho), *fiu* ou *filu* (filho); quanto ao S, é substituído frequentemente por T: *tapato* (sapato), *patar* (passar). Em que foram uteis os phonemas difficeis do primeiro momento no aprendizado posterior? A explicação de Delacroix carece de fundamento.

A phonetica infantil offerece particularidades de grande interesse para o estudo da evolução da lingua. Emquanto o grito é monotono, pois nelle predominam sobretudo as vogaes abertas (Bühler), o balucio apresenta modalidades de phonemas que surpreendem qualquer observador. Entre as vozes inciaes salientam-se as vogaes que permittem uma abertura accentuada da bocca — o A e o E. Talvez sejam os movimentos predominantes no chôro os que persistem na emissão dos gritos. Durante muito tempo a vogal A tem um relevo extraordinario na formação dos grupos syllabicos que a criança costuma repetir: *ma-ma, da-da, pa-pa, la-la, ta-ta*. Não é rara a combinação desses sons com outros indefinidos que se assemelham a sopros e aspirações mais ou menos simultaneos com os movimentos respiratorios. Dahi a facilidade com que ella articula os sons gutturaes, de preferencia os que se aproximam do R gargarejado ou raspante. As outras vogaes vão apparecendo, segundo certos autores, de accordo com uma ordem chronologica; o I, o U e o O. Mas nem sempre se observa essa ordem rigorosa; a vogal I, por exemplo, surge frequentemente nas primeiras combinações syllabicas.

As vogaes são quase sempre acompanhadas de consoantes. Estas vão surgindo segundo uma ordem em correspondencia com o seu grau de complexidade. De accordo com a observação geral as consoantes labiaes são as mais communs: o B, o M e o P apparecem sempre em combinação com a vogal A. Segundo Jespersen as labiaes são as que primeiro a criança consegue emittir porque a sua articulação exige movimentos muito semelhantes aos de sucção (15). Na realidade a sucção requer a aproximação constante dos labios. Grammont tem uma explicação differente quando affirma que a criança na sua imitação inconsciente procura reproduzir os phonemas

que requerem movimentos bem visiveis dos labios (16). As articulações do primeiro plano são evidentemente as labiaes. Quase contemporaneamente a criança emite as consoantes dentaes — o D, o T e o N. Com os primeiros dentes é que essas consoantes são articuladas com correcção. As combinações dessas consoantes com as vogaes A e E são muito repetidas.

A respeito da ordem de apparecimento das vozes articuladas, Grammont tem uma opinião que não parece corresponder aos factos. Diz este autor que a criança exercita seus órgãos vocaes produzindo de preferencia sons que lhe proporcionam ao mesmo tempo sensações auditivas e tacto-motrices bastante intensas: assim os phonemas que dependem de uma articulação posterior, isto é, os guturaes são os mais precoces (17). O que observamos é exactamente o contrario: o R e o G fortes são consoantes que a criança aprende a reproduzir muito tarde. Igualmente as velo-palataes dependem de um exercicio muito demorado.

Haverá alguma preferencia na combinação das syllabas que a criança reduplica constantemente? Pavlovitch suggere uma especialização affectiva na combinação dos phonemas — o que seria uma forma elementar do valor da linguagem. Assim, os grupos formados com a vogal A exprimiria alegria (18). Stern nota que um grande numero de phonemas significativos da linguagem infantil provem do balbucio. Esses grupos persistem na linguagem adulta com a mesma significação affectiva (19). Os nomes proprios construidos pela reduplicação de uma só syllaba são vestigios da linguagem infantil: *Jojó, Didí, Mimí, Babá, etc.*

× O phenomeno da *reduplicação* é um principio geral na formação dos grupos vocaes dos primeiros mezes. De uma palavra ouvida, a criança aproveita uma syllaba, ás vezes apenas uma vogal. A repetição deste som uma ou duas vezes constitue a palavra designativa: assim, *pe-peu* (chapeu), *ti-ti* (vestido), *dê-dê* (cadeira). Mesmo mais tarde ha uma tendencia para suppressão de phonemas de difficil articulação. O curioso é a repetição indefinida desses sons — *lalação* — sem nenhum proposito de denominação. Por isso é que Gaupp

chama phase do *papagaio* a esse momento da evolução da linguagem infantil. A phonetica da criança é regida pela lei da *simplicidade* e pela lei do *menor esforço*. Pela primeira é regulado o phenomeno da escolha dos sons: tanto mais cedo um som é emittido, quanto mais simples é elle para a criança; pela segunda, o phenomeno da reduplicação dos sons e da omissão dos phenomenos complexos.

A função da imitação e do jôgo.

O material que a criança vae adquirindo durante o periodo do balbucio depende de influencias exteriores. Graças á imitação e ao jôgo, a pronunciação tende a ser cada vez mais correcta. As impressões auditivas acabam despertando as innervações necessarias á articulação: esta associação se acha na base do phenomeno de imitação da linguagem — phenomeno aliás que é um caso particular da tendencia imitativa da criança.

De começo a criança imita a si propria: os phonemas iniciaes são repetidos um sem numero de vezes — especie de jôgo necessario ao desenvolvimento dos orgãos vocaes. Desde 4 a 5 mezes ella se torna echo de si mesma. Mais tarde ella passa a imitar as demais pessoas. A imitação de estranhos é feita por ensaios frustrados e equivocos constantes. Commumente a criança supprime ou intercala sons, tornando as palavras quase inintelligiveis. Varios motivos determinam essas difficuldades de imitar rapida e correctamente as palavras pronunciadas por pessoas estranhas. Em primeiro lugar devemos assignalar a deficiencia de desenvolvimento dos orgãos de articulação; depois a fraca attenção que a criança dá aos elementos das palavras; e ainda a falta de impressões motrizes na articulação — impressões que são a base de toda imitação.

A articulação é precedida de um periodo de armazenamento de impressões auditivas. Muitos autores, como Grammont, Pavlovitch, Ronjat, etc. são partidarios de que as sensações visuaes exercem um papel preponderante na imitação; mas a verdade é que os surdos de nascimento sempre terão

uma linguagem deficiente, enquanto que os cégos adquirem normalmente a linguagem — o que prova que as impressões auditivas são de uma importancia capital na formação dos mecanismos de pronunciação.

Para Delacroix ha um periodo de armazenamento e outro de exteriorização, desempenhando as imagens auditivas uma função fundamental no desenvolvimento dos habitos articulares. Dahi a possibilidade de uma compreensão antes de ser possível a elocução precisa das palavras. X Entre as aquisições por imitação, tem relevo as *onomatopéas*, isto é, vozes imitadas da natureza ou impostas pela tradição familiar. São communs as designações de animaes pelas suas vozes: o *miau* (gato), o *au-au* (cão); assim como denominação de objectos pelos sons que produzem: *fon-fon* (automovel), *den-den* (igreja), etc. As imitações depois se estendem ás palavras usuaes: um grande acervo de vocabulos, dentro em breve possui a criança, sem que, entretanto, conheça o significado exacto ou mesmo aproximado desses vocabulos. X Dahi dizer-se que neste momento a criança possui mais palavras do que idéas.

Questão debatida é a capacidade que possui a criança para inventar palavras. Taine e Compayré admittem a invenção de palavras na criança de certa idade. Este ultimo autor diz que suppondo a linguagem formada de dois elementos, um symbolico A e uma significação intellectual B, a criança pode em certos casos inventar A, em outros imitar A e B e ainda em outros imitar A e inventar B (20). Essa iniciativa verbal da criança é, entretanto, negada modernamente. A criança poderá modificar as palavras, supprimindo ou substituindo os sons, mas nunca inventa-las propriamente. E' a opinião de Bühler.

Se a criança não chega a inventar a estrutura da palavra, pode, comtudo, inventar o seu significado, estende-lo a um certo numero de factos. Segundo o juizo corrente essa mudança de sentido dos vocabulos e sobretudo a sua extensão é o resultado da pobreza vocabular da criança e dahi servir-se de uma palavra para varios usos, assim como da grande facilidade que tem de associar por analogias que muitas vezes escapam ao adulto. Devemos acrescentar que essas associa-

ções se formam innumeradas vezes por uma especie de repercussão affectiva que os objectos e os factos lhe produzem. Dando a uma palavra varios sentidos por associação affectiva, a criança não faz mais do que revelar essa resonancia pessoal que o mundo exterior lhe provoca. É que seu *eu* invade todas as cousas.

A imitação não influe isoladamente na formação dos mecanismos verbaes. Imitando, a criança não cessa de reproduzir; as palavras se tornam um verdadeiro jôgo. Começa esse jôgo muito cêdo, desde o balbucio e continúa durante muito tempo como um exercicio de grande interesse affectivo. Nos jogos individuaes a criança acompanha a propria acção com expressões verbaes: as palavras representam mesmo um reforço da acção ou a acção mesma. Nos jogos collectivos a linguagem desenvolve-se no sentido da sua socialização. Os companheiros de brinquêdo estimulam-se, imitam-se reciprocamente, tornando-se o vocabulario mais adaptado e mais preciso.

A palavra: a compreensão.

A palavra usada pela criança differe profundamente da do adulto, não só pelo seu aspecto exterior, como pelo seu conteúdo. A forma e o sentido apresentam caractéres particulares. Vimos já como ellas se distinguem quanto ao seu aspecto exterior — as deformações, as substituições, as suppressões de sons são particularidades typicas que só se encontram nas palavras do vocabulario infantil. Mas não são menores as differenças de significado. As reacções da criança em face das palavras articuladas pelas pessôas do seu circulo de relações indicam claramente como ella interpreta o seu significado.

Podemos estabelecer varios estadios na evolução das reacções da criança ao ouvir a linguagem:

- 1 — reacção puramente sensorial;
- 2 — reacção emotiva e motriz; e
- 3 — reacção intellectual.

A criança recém-nascida ao receber as impressões auditivas das palavras reage apenas detendo o curso das demais ex-

citações, sobretudo as cenesthêsicas. Se está agitada, se está tranquilla a criança revela os seus estados organicos por meio de reacções varias — movimentos, gritos, balbucios, etc. Ouvindo sons articulados por alguém, immediatamente esses sons provocam uma subita reacção de caracter sensorial em substituição ás reacções anteriores. É um effeito sonoro que modifica a situação de equilibrio ou de inquietação precedente. Mas cêdo as palavras ouvidas passam a repercutir na criança de maneira affectiva. Reacções emotivas surgem então como um indicio de satisfação particular. As palavras que a criança ouve acham-se ligadas á pessoa que as pronuncia — pessoa que representa para ella a segurança e o equilibrio de sua vida vegetativa. A criança começa ao mesmo tempo a procurar com os olhos a pessoa que fala e a cumprir as suas ordens; as palavras teem então um sentido mais objectivo: representam ordens, acenos de aproximação, avisos de espera ou de pressa, indicações, exclamações. etc. E' preciso notar que essas palavras vão sempre acompanhadas por gestos, mimica e uma inflexão especial que a criança percebe antes mesmo de comprehender as palavras. Os gestos desempenham uma função communicativa bem notavel e a criança desde cêdo comprehende o seu sentido.

Com a experiencia e o desenvolvimento mental a criança começa a comprehender melhor o significado das palavras ouvidas. É o estadio das reacções intellectuaes. Algum tempo antes de conseguir articular as palavras ella comprehende o valor symbolico dos nomes. Delacroix estabelece dois graus de comprehensão e dois de elocução (21). Ha uma comprehensão que consiste apenas na interpretação dos sons ouvidos pela situação e por actos e uma outra que denomina verdadeiramente intellectual. Da mesma maneira ha uma elocução dos primeiros tempos ou balbucio e uma outra mais correcta por influencia da imitação. Assim, o primeiro grau da elocução é contemporaneo do primeiro grau da comprehensão; mas o segundo grau da comprehensão precede o segundo grau de elocução. A criança durante certo tempo possui uma capacidade de comprehensão maior do que de articulação. Ao terminar o primeiro anno, entretanto, ella começa a pronunciar

palavras significativas. Entre 8 mezes e 1 anno e meio podemos situar a época em que ella é capaz de usá-las com certo desembaraço.

E' preciso acrescentar que a criança attribue ás palavras um sentido todo particular. Geralmente se suppõe que a palavra tem para ella um valor designativo, isto é que *ma-ma* é um vocabulo que significa uma certa pessoa; mas attribuir a cada sêr ou cousa um determinado nome não é a denominação; esta é uma necessidade que a criança não possui nesta época: *ma-ma* exprime o desejo de alimentar-se, de aproximar-se, de dormir ou apenas a alegria de estar com a propria mãe. Este facto de utilizar a criança uma mesma palavra para significar varias cousas pode parecer uma tendencia para ampliar ou generalizar.

Os autores modernos interpretam semelhante valor das palavras infantís como um effeito do syncretismo que domina a mentalidade da criança — syncretismo em virtude do qual ella envolve em “uma apprensão de conjuncto uma confusa synthese”, situações e factos differentes. São como *eschemas* verbaes á semelhança dos *eschemas* graphicos. Se observarmos os differentes casos em que a criança emprega uma mesma expressão envolvendo objectos ou actos com os mesmos relacionados, notaremos que ha alguma cousa de commum para a criança entre todos esses significados. Bühler denomina essa parte commum o *nucleo* da significação das palavras, o qual toma varias extensões ou se adapta ás differentes situações. Durante algum tempo a criança permanece nesse grau de compreensão e de utilização das palavras — isto é, na phase da *palavra-desejo*. Um outro grau lentamente apparece: a phase da *compreensão objectiva*. Então cada palavra passa a ter um significado particular.

A denominação.

A criança passa do estadio affectivo das palavras ao estadio que Bühler denomina de *intellectualização*, por um processo evolutivo lento. A pouco e pouco as palavras ganham em objectividade e perdem em significação pessoal. A crian-

ça descobre por si que cada cousa tem um nome. Os autores dão uma grande importancia a este momento como um factor de progresso. Ella adquire a função denominativa quando estabelece uma associação entre o objecto e a palavra que o designa e entre a palavra e o objecto significado. Forma-se então uma relação consciente: as palavras são então symbolos das cousas e valem por ellas. Nesta época a pergunta — *que é isto?* — determina um armazenamento de um grande numero de palavras novas. O seu vocabulario progride com palavras exactas e palavras deturpadas do periodo anterior. Muitas crianças costumam empregar para o mesmo objecto dois nomes — o velho e o novo — até que o primeiro cae completamente em desuso. Koffka affirma que a palavra é para a criança uma *propriedade* da cousa. Á maneira do primitivo ella vê nas palavras não symbolos representativos, mas realidades que participam de um sentido magico. Palavra e realidade se substituem perfeitamente tal a identidade que existem entre ellas.

Notamos entre as palavras do vocabulario infantil tres typos differentes: umas são de origem desconhecida e parecem inventadas pela criança — o que repugna a certos autores; outras são aprendidas para representar certos objectos mas são empregadas com uma extensão mais ampla, abrangendo varios objectos ou situações; e ainda outras são constituídas por combinações de palavras já adquiridas anteriormente. Esta capacidade de formação de novas palavras é uma prova de que ellas não são apenas um aspecto exterior de facil associação, mas são propriedades das cousas. Podemos dizer que os objectos impõem á criança a sua propria denominação pelas qualidades objectivas ou subjectivas que a criança aprecia nelles. Da mesma maneira as definições demonstram como as palavras estão ligadas ás cousas como suas propriedades. Por isso é que ella define os objectos pelo seu uso, effeito ou fim. Pouco a pouco a denominação vae se tornando cada vez mais precisa e então cada cousa terá o seu nome particular. Segundo Bühler o principio de constancia da cousa rege o uso dos vocabulos. A variação das situações exteriores tem um limite e conhecido por fim em que as cousas podem permane-

cer constantes dentro dessa mobilidade, estará apta a criança a denominar cada uma dellas.

Até 2 annos de idade as palavras são empregadas sem flexão — uma só forma servirá para exprimir todas as relações que a criança pode descobrir entre as cousas. Os adjectivos são empregados no grau positivo, os verbos na forma infinitiva, nada de plural ou de comparação. Em relação ás conjugações ha uma tendencia extraordinaria para as formas regulares: *eu fazi*; ou as formas da 1.^a conjugação: *eu comei*, *eu bebei*. A analogia é uma norma na formação grammatical das crianças.

Só aos 2 annos e meio para 3 annos é que ella começa a empregar as terminações. O grau dos adjectivos, as variações verbaes, as relações de posse, de comparação, etc. são uma resultante do conhecimento do effeito das palavras como elementos da phase. Os diminutivos com a terminação *zinho*, os augmentativos em *ão* ou com o emprego de *grande*; os adverbios de quantidade *muito* e *mais* teem um uso frequente. Mas durante muito annos persistem as formas desinenciaes erroneas. As relações grammaticaes vão sendo adquiridas lentamente por influencia do meio em que vive a criança.

A phrase: a sua estrutura.

Segundo Delacroix, o apparecimento da phrase não constitue propriamente um facto de importancia psychologica, visto como muito tempo antes de empregar phrases com uma estrutura logica, a criança exprime, por meio de palavras isoladas, intenções e situações complexas (22). Dahi dizer que em certo momento da evolução da linguagem infantil "*a palavra é a phrase*". Quando a criança diz por exemplo *chapeu*, não exprime com esta palavra uma simples designação, mas uma phrase inteira, relacionada com o desejo presente: *eu quero o chapeu*, *bote o chapeu na minha cabeça*, etc. Podemos dizer que a phrase se inicia sem estrutura. A formação grammatical das phrases exige um lento apprendizado e um amadurecimento do espirito logico do individuo. Por isso diz Bühler que ha na criança um periodo pre-grammatical.

É a palavra isolada, significando uma certa complexidade de situação, uma phrase reduzida a sua mais simples expressão. Aquelles que consideram — diz Bühler — as primeiras palavras significativas que pronuncia a criança justificam a denominação — phrase de uma palavra — por isso mesmo que existe nellas um sentido que muito se aproxima das expressões interjectivas usadas pelo adulto, como *fogo! soccorro!*

Durante o prazo de um anno a criança não emprega outro typo de phrase. É que as suas necessidades são tão simples que não vão além das situações em que se acham as cousas percebidas, isto é, os seus desejos são relacionados com os objectivos que tem deante de si. Na realidade a palavra que a criança emprega synthetiza todas essas differentes relações — o que facilmente poderá ser interpretado. Nenhuma necessidade tem ella até certo tempo de outro meio de expressão. É curiosa a experiencia feita por Major, consistindo em completar e fazer repetir as phrases syntheticas de uma criança — phrases que eram repetidas sem a inflexão necessaria á sua compreensão (23).

Com 1 anno e meio a criança começa a organizar phrases com duas palavras. Constitue essa formação agglomerada um progresso indiscutivel na linguagem infantil. As primeiras phrases — affirma Bloch — são grupos de palavras que se caracterizam pela ausencia de toda expressão de relações (24). Ha apenas uma justaposição sem laço de subordinação ou de dependencia. Bühler admite dois graus na justaposição de dois vocabulos numa só phrase: “pode-se suppor a transição das phrases de uma só palavra ás de duas palavras como um encadeiamento em que entram duas phrases de uma só palavra”. Assim cada uma das duas palavras representa um conteúdo total, ou antes uma significa o todo e a outra uma determinação parcial, — é o primeiro grau. Um outro grau é o da phrase com duas palavras representando uma só situação. Essas phrases são constituídas em geral por dois substantivos ou por um substantivo e um verbo, mas entre ellas não ha nenhuma particula de relação.

A agglomeração de varias palavras numa mesma phrase é feita logo depois. A criança reúne numa só phrase situa-

ções varias que se chocam, tornando a phrase inintelligivel. Bühler denomina *construcções radicaes* certas phrases infantís em que ha um centro commum ao qual se prendem os demais elementos da phrase. Particularidade interessante dessas phrases organizadas pela justaposição de varios vocabulos é o emprego da negativa. É commum a criança exprimir a sua negação no fim da phrase: *bote a boneca na janella, não*. Para Stern ella emprega a negativa de duas maneiras: a principio por antithese, e por constatação de ausencia, depois: — *chapeu de papae, não de José; a boneca não tem pernas* (25).

A construcção de duas ou mais phrases para exprimir um certo acontecimento ou situação é feita de maneira collateral; as phrases são apenas justapostas e independentes umas das outras. Não ha nenhuma relação de subordinação: as particulas de relação serão empregadas mais tarde e representam um notavel progresso no desenvolvimento logico da criança. Aos quatro annos é que se torna possivel a construcção de phrases subordinadas, empregando então a criança palavras que exprimem relação de causa, de condição, de fim, as circumstancias de tempo, de lugar, de modo, etc.

Tem-se attribuido ao emprego do pronome *eu* uma importancia psychologica por ser o indicio do despertar da consciencia da propria personalidade. Essa interpretação já não é mais acceita. Muito antes do uso do pronome *eu* a criança mostra possuir conhecimento da sua individualidade: o emprego do proprio nome é a prova disso. Affirma Gaupp que “a transição do emprego do vocabulo *eu* é vagarosa, influindo nisto o habito de tratar-se a criança em terceira pessoa” (26).

O vocabulario infantil.

A aquisição do vocabulario acompanha os tres estadios de evolução da observação. As palavras aprendidas primeiramente representam as cousas e os sêres — substantivos, depois os movimentos que elles executam — os verbos, por fim a relação entre as differentes cousas e sêres — as particulas de subordinação, de circumstancias, etc. Mas Bloch é de opinião que as palavras em certa phase de desenvolvimento da lingua-

gem, não podem ser classificadas rigorosamente como categorias grammaticaes (27). Ellas teem um valor indeterminado: não são nem substantivos, nem verbos. Com a organização da phrase é que se torna possível distinguir os substantivos com as suas flexões e os verbos.

Durante um certo tempo o vocabulario infantil permanecerá reduzido, adstricto á expressão das suas necessidades elementares; só quando os interesses infantís se ampliam é que o vocabulario tende igualmente a augmentar. Semelhante factó observamos nos desenhos desta epoca: certos typos de figuras são os unicos que a criança rabisca até sentir necessidade de novas expressões. Mas ao mesmo tempo que notamos a ampliação de seu vocabulario, a criança tende a realizar por si mesma uma selecção. A ampliação decorre da necessidade de exteriorizar factos que começa a descobrir e interesses novos: as palavras empregadas então pela criança muitas vezes são mal conhecidas por ella propria. Simultaneamente a criança vae pondo á margem as palavras mais antigas do seu vocabulario, isto é aquellas expressões reduplicadas e deformadas dos primeiros tempos de aquisição da linguagem. O curioso é que certas crianças utilizam um vocabulario duplo, constituido de termos velhos e novos para significar as mesmas cousas; mas acabam por dominar as de sentido mais preciso, que servem de instrumento de expressão da collectividade.

Muitos autores teem procurado determinar o numero de vocabulos que as crianças usam em cada idade. Gaupp não vê nenhuma importancia psychologica nesses estudos, uma vez que as influencias das differentes condições de meio e de educação não permitem uma generalização dos resultados (28). A determinação do inventario de palavras poderá apenas ter valor restricto ao desenvolvimento mental de cada individuo. Mas o estudo do vocabulario medio para cada idade tem uma importancia pedagogica indiscutivel, não só para se conservarem os mestres á altura da compreensão das crianças da sua classe, mas tambem e sobretudo como base para a feitura de livros de leitura infantil.

Os resultados a que teem chegado os investigadores são muito contraditorios; assim, as crianças observadas por Stern,

aos 2 annos, possuíam 300 palavras; as por Delville, 688; as por Major, 143; as por Grant, 828. Para A. Descoeurdes, cujo processo de investigação da linguagem infantil é o mais satisfactorio, são os seguintes os resultados aos 2 annos e meio e aos 7 annos e meio.

2 ½ — 360 palavras (meios pop.); 990 (meios abast.)

7 ½ — 2960 palavras (meios pop.); 3182 (meios abast.)

A grande difficuldade para apuração do vocabulario está na impossibilidade de o proprio individuo mencionar quaes as palavras que formam o seu acervo linguistico. Diz Vendryes que ha grande numero de palavras que nunca são empregadas e que entretanto fazem parte do vocabulario, uma vez que facilmente seriam comprehendidas quando ouvidas (29): são os vocabulos que se formam por prefixação e por analogias.

O Instituto de Psychologia de Pernambuco realizou experimentalmente o inventario das palavras usadas pelos escolares do Recife, á semelhança do que empreendera Daniel Prescott em Genebra. Consistiu o methodo em colher por associação livre, durante 15 minutos, as palavras que occorressem a cada criança. O criterio de Prescott falha por não permittir a determinação das palavras que são comprehendidas, mas simplesmente as recordadas em certo momento. O quadro abaixo dá o numero total das palavras associadas pelas crianças entre 7 e 14 annos, segundo a pesquisa mencionada (30):

<i>Idades</i>	<i>s. masc.</i>	<i>s. fem.</i>
7	1746	1599
8	2489	2723
9	3080	3721
10	3943	3957
11	4308	5033
12	4890	4718
13	5041	5705
14	4457	5850

A predominancia dos substantivos é notavel nas phrases das primeiras idades. Como vimos anteriormente, num certo momento as phrases só são formadas de substantivos. Os

vocabulos vão sendo introduzidos, a pouco e pouco, á medida que a criança passa da phase de substancia para as seguintes, de acção e de relação; mas com o decorrer dos annos e por influencia da escolaridade é que o vocabulario adquire precisão e estabilidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1 — K. Koffka — Bases de la evolucion psíquica (trad.). 1926 Madrid.
- 2, 3, 4, 5 — J. Piaget — Le langage et la pensée chez l'enfant. 1923. Paris.
- 6 — Head — Apud G. Dwelshauvers in *Traité de Psychologie*. 1928. Paris.
- 7, 10 — G. Compayré — La evolucion intelectual y moral del niño. (trad.). 1920. Madrid.
- 8, 11 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño. (trad) 1934. Madrid.
- 9, 12 — Preyer — El alma del niño. (trad.). 1908 Madrid.
- 10, 18, 21, 22 — H. Delacroix — Le langage et la pensée. 1924. Paris.
H. Delacroix — L'activité linguistique de l'enfant. *J. de psychologie*, Jan.-março. 1924. Paris.
- 14, 18 — M. Pavlovitch — Le langage enfantin. 1920. Paris.
- 15 — Jespersen — Langage. 1922. Londres.
- 16, 17 — Grammont — Apud H. Delacroix in op. cit.
- 19, 26 — W. Stern — Apud K. Bühler in op cit.
- 23 — Major — Apud K. Bühler in op. cit.
- 24, 27 — Bloch — La phrase dans le langage de l'enfant. *J. de Psychologie*, 1. 1924. Paris.
- 26, 28 — R. Gaupp — Psicología del niño (trad.) 1926 Barcelona.
- 29 — Vendryes — Apud H. Delacroix in op. cit.
- 30 — U. Pernambucano e A. Paes Barreto — Vocabulario das crianças das escolas primarias do Recife. *Arch. da Ass. a Psych. de Pernambuco*, n.º 1, 1931. Recife.

RESUMO

1 — Entre 2 e 3 annos desenvolve-se de maneira surpreendente o aprendizado da linguagem articulada, graças a um subito desembaraço dos mecanismos neuro-musculares — é a phase denominada dos interesses glossicos.

2 — Para os *nativistas* a linguagem é considerada de origem instinctiva, patrimonio commum da humanidade; para os *empiristas* a linguagem é uma aquisição das primeiras idades, sujeita a influencias variaveis do meio e da imitação.

3 — Entre as duas theorias oppostas ha logar para uma terceira que considera a linguagem como uma actividade instinctiva

naquillo que diz respeito á necessidade de exprimir-se o individuo, mas sujeita ao mesmo tempo ás influencias do meio social.

4 — Piaget concebe a linguagem infantil em dois momentos differentes — a linguagem egocentrica e a socializada. Na phase egocentrica a criança não se preocupa em se fazer entendida; na phase socializada a linguagem é utilizada como um instrumento de comunicação.

5 — O funcionamento da linguagem exige uma organização neuro-muscular que se acha ainda muito longe de ser sufficientemente esclarecida. Segundo a theoria de Head os centros da linguagem são apenas centros de coordenação e não de funções especializadas.

6 — A primeira manifestação vocal da criança é o grito; é um acto puramente reflexo sem nenhuma relação com as necessidades primordiales e inteiramente despido de significação symbolica; mais tarde o grito transforma-se em symbolo de linguagem affectiva.

7 — Aos 2 ou 3 mezes a criança é capaz de balbuciar, isto é, de articular sons apparentemente inuteis. Julga-se entretanto que o balbucio é ao mesmo tempo uma manifestação de character affectivo e uma necessidade de expansão motriz.

8 — A phonetica infantil é regida pela lei da simplicidade e pela lei do menor esforço; pela primeira é regulado o phenomeno de escolha dos sons; pela segunda o phenomeno da reduplicação dos sons e da omissão dos phonemas complexos.

9 — Os elementos que a criança vae adquirindo durante o periodo do balbucio dependem de influencias exteriores; graças á imitação e ao jôgo a pronunciação tende a ser cada vez mais correcta.

10 — A palavra usada pela criança differe profundamente da do adulto não só pelo seu aspecto exterior, como pelo seu conteúdo; as deformações, as substituições, as suppressões constituem particularidades de forma; as palavras differem em sentido pela ausencia de valor designativo, pela representação syncretica e algumas vezes pela sua importancia magica.

11 — Aos poucos as palavras ganham em objectividade e perdem em significação pessoal. A criança descobre por si que cada cousa tem um nome: a criança passa do estadio affectivo para o estadio de intellectualização.

12 — Entre as palavras do vocabulario infantil umas são de origem desconhecida e parecem inventadas pela criança; outras são aprendidas para representar certos objectos mas são empregadas com uma extensão mais ampla; e ainda outras são constituídas por combinações de palavras já anteriormente adquiridas.

13 — A phrase não constitue propriamente um facto de importancia psychologica, visto como muito antes de empregar phrases com uma estrutura logica, a criança exprime por meio de palavras isoladas, intenções e situações complexas: é a palavra phrase.

14 — As primeiras phrases empregadas pela criança são formadas de uma só palavra — phrases univoculares; — com 1 anno e meio começa a organizar phrases com duas palavras; por fim as phrases são plurivoculares. A estrutura da phrase é de começo condensado, agglomerada depois e logica afinal. O substantivo é o elemento predominante da linguagem infantil.

15 — Os vocabulos vão sendo introduzidos na linguagem da criança, a pouco e pouco, á medida que ella passa da phase de substancia para as de acção e de relação; com o decorrer dos annos e por influencia da escolaridade é que o vocabulario adquire precisão e estabilidade.

VOCABULARIO

Analogia — Identidade de relações entre dois ou mais factos.

Aphasia — Perda total ou parcial das funções da linguagem. Tem-se restringido o termo ás perturbações motrizes da linguagem.

Articulação — Função motriz que permite a emissão de sons da linguagem.

Compreensão — Função intellectual que consiste em apprehender o significado dos symbolos.

Conceitual — Referente aos conceitos ou ás idéas.

Cortical — Zona que reveste exteriormente os hemispherios cerebraes.

Empirista — O que admite o empirismo, isto é, doutrina que considera o desenvolvimento individual tendo por

base os elementos da experiencia.

Escolaridade — Periodo de frequencia escolar.

Imitação — Reprodução consciente ou inconsciente do que se percebe anteriormente.

Intellectualização — Processo mental em virtude do qual se attribue um valor intellectual aos factos.

Jôgo — Actividade espontanea de satisfação immediata.

Lalação — Emissão indefinida de sons; o mesmo que balbucio.

Magico — Referente á magia — termo que exprime a tendencia primitiva em attribuir ás cousas um poder occulto e sobrenatural que se irradia sobre tudo.

Mecanismo neuro-muscular — Connexões nervosas que são

a base organica das actividades motrizes.

Nativista — O que admite o nativismo, isto é, doutrina que só reconhece no homem os poderes innatos.

Onomatopéa — Vocabulo ou vocabulos que reproduzem os sons naturaes.

Phonema — Elementos sonoros da linguagem.

Phonetica — Estudo da articulação dos sons.

Receptivo — Que possui a faculdade de receber, de assimilar.

Reduplicação — Termo reservado á linguagem das crianças e dos animaes, a qual consiste em emittir varias vezes sons identicos.

CAPITULO X

A EXPRESSÃO GRAPHICA

A physionomia mental da criança através da linguagem e do desenho. Os methodos empregados no estudo do desenho infantil. Os motivos preferidos pelas crianças. Caractéres do desenho da figura humana. As phases do desenvolvimento do desenho infantil: a phase da garatuja — a garatuja pre-intencional e a garatuja intencional; a phase symbolica ou eschematica; a phase do realismo — o realismo logico e o realismo visual; a phase de regressão. O interesse psychanalytico do desenho infantil. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

A physionomia mental da criança através da linguagem e do desenho.

W. Rasmussen não exaggera quando affirma que tanto se chega a conhecer a physionomia mental da criança ouvindo attentamente as suas palavras como observando as suas acções (1). Na realidade, entre as varias formas do comportamento infantil é o desenho uma das mais ricas e elucidativas. A linguagem e o desenho constituem o mais seguro caminho para attingir-se á estrutura do pensamento infantil, á marcha do seu raciocinio, ás formas da sua logica. De certo que não podem ser dispensados os commentarios da criança quando se pretende interpretar a sua mentalidade. Ouçamos com verdadeiro espirito de analyse o monologo a que Jean Piaget chama *a dois* e *collectivo* de uma criança emquanto brinca ou emquanto rabisca e assim chegaremos a compreender a significação e a direcção do seu pensamento (2). Neste caso é o desenho a representação objectiva de imagens que nos pareceriam obscuras e cheias de lacunas se fossem apreciadas apenas de maneira verbal.

Para George Vermeylen o desenho é um momento da evolução mental da criança, uma como forma de transição do pensamento que completa e fixa a linguagem, ao mesmo tempo que annuncia a escripta (3). A linguagem e o desenho acham-se intimamente ligados ao pensamento quanto aos caracteres do seu conteúdo e ás etapas do seu desenvolvimento. Ha entretanto a distinguir que o processo evolutivo da linguagem e do desenho não teem uma correspondencia temporal. "Dois factos ha de grande importancia — escreve K. Bühler — referentes ao desenvolvimento da palavra e do desenho na

criança: primeiro, que o desenho começa quando a faculdade de falar tem feito já grandes progressos e se tem convertido em uma actividade habitual, e segundo, que a linguagem continua predominando e modela em maxima parte a alma infantil conforme as leis que lhe são proprias" (4).

Desejando-se tanto quanto possivel surpreender a criança nas occasiões em que mais espontaneamente manifesta a sua actividade mental, é justificavel que os experimentadores lancem mão do desenho, porque a criança rabisca tão naturalmente quanto fala, a menos que já tenha recebido durante muito tempo a influencia escolar. E tanto é o desenho, do mesmo modo que a linguagem, uma das expressões da actividade mental da criança que as conclusões a que tem chegado os pesquisadores acerca de ambos apresentam analogias impressionantes. Certas características da psychologia infantil revelam-se admiravelmente nos varios momentos da evolução do desenho. Fica assim explicado por que o desenho infantil é aparentemente tão illogico e confuso.

O desenho infantil até certa epoca apenas mereceu a attenção dos mestres e isto um tanto vagamente, visto como só durante as aulas de desenho é que era permittido desenhar. Somente era tomado na devida conta o lado technico do desenho: as manifestações de espontaneidade, exuberancia e indisciplina, permanentes no comportamento da criança, jámais foram aproveitadas como base de iniciação da actividade graphica. Depois de elevado á categoria de uma verdadeira linguagem de todo ponto expressiva das características mentaes do individuo, passou o desenho a interessar. Sobretudo os psychologos é que foram os iniciadores desse movimento de resultados apreciaveis no dominio do estudo da mentalidade infantil e no dominio propriamente educacional. O problema da orientação profissional, dando um certo impulso ás pesquisas das aptidões naturaes, tornou mais urgente a necessidade de apurar-se a capacidade para o desenho.

Innegavel é que o desenho infantil tem sido considerado modernamente um dos mais interessantes meios de estudo da mentalidade da criança. São de Luquet as seguintes pala-

bras: "o exame do desenho infantil tem-nos permittido pôr em relevo as analogias profundas ou mais exactamente o parentesco essencial da psychologia da criança com a do adulto" (5). Innumeros psychologos teem elevado o desenho infantil, durante a ultima decada, á altura de um methodo psychologico, tão notaveis são os resultados que por seu intermedio teem conseguido. Com o movimento da psychanalyse o desenho infantil tem sido utilizado como um meio de pesquisa das raizes profundas do comportamento da criança. Do seu character espontaneo tem a psychanalyse extraido toda sua importancia: já hoje não se compreende o estudo da mentalidade infantil sem a interpretação psychanalytica dos desenhos.

Os methodos empregados no estudo do desenho infantil.

Varios são os methodos empregados no estudo do desenho infantil, como meio de determinar não só a aptidão natural das crianças, isto é, a sua maior ou menor capacidade para o desenho, mas tambem como instrumento de sondagem do seu desenvolvimento mental atravez das idades. Mas apesar das muitas variantes, todos os methodos podem ser reduzidos a dois: o estatistico e o biographico.

Sob o titulo de methodo estatistico podemos incluir, como o fez Tobie Jonckheere, as collecções e os inqueritos (6). Algumas pesquisas são feitas em collecções de desenhos de procedencia de varios logares, sem que os interpretadores tenham assistido ao traçado dos rabiscos. Outras são feitas por meio de inqueritos. O experimentador elabora um certo questionario que é distribuido a um grande numero de individuos, com instrucções claramente estabelecidas. Quer se proceda a investigação em desenhos colhidos espontaneamente entre crianças de diferentes idades e sexos, quer sobre desenhos feitos sob ordem, o methodo estatistico procura determinar nas collecções a frequencia das características mais notorias para cada idade. Podemos, por exemplo, empregando este methodo, apurar em que momento os desenhos represen-

tando a figura humana evolvem para o perfil, a época em que ha maior incapacidade synthetica, qual a noção de perspectiva, de proporção, etc., nas differentes idades.

Autores de varios paizes realizaram estudos dessa natureza com pontos de vista bem distinctos. Não só muitos aspectos ainda obscuros da psychologia normal e morbida foram esclarecidos por meio do desenho, como tambem teem sido empregados os desenhos infantís de varios povos com o objectivo de determinar traços ethnologicos. Entre os primeiros assignalaremos os trabalhos de Ricci, Sully, Schuyten e Lobsien; entre os segundos, salientaremos os estudos de Lamprecht sobre a evolução do desenho na raça humana e os de Franke sobre o desenvolvimento mental das crianças negras.

Earl Barnes, Lena Partridge, Stern, Levinstein, Luckens, Kerschesteiner, Decroly e outros agiram differentemente, não se limitando a colher desenhos puramente espontaneos: impuzeram assumptos, pediram para desenhar de accordo com certas normas dadas da mesma maneira. Barnes, Partridge, Stern e Levinstein fizeram numerosas crianças illustrarem uma fabula, o que dava uma relativa liberdade á maneira de desenhar; Luckens deu a desenhar uma scena de incendio; Ballard pediu que as crianças representassem objectos preferidos; Decroly estabeleceu verdadeiros testes determinadores da capacidade para o desenho.

O methodo biographico obedece a uma orientação diversa. Em lugar de serem estudados os desenhos collidos em massa, o pesquisador fixa-se sobre uma mesma criança, numa determinada occasião da sua vida ou atravez do seu desenvolvimento. As investigações de Bechterew, Truffat, Burt, Stern, Thorndike, Muth, etc. foram feitas segundo este processo. Entre todos salienta-se pela minucia de analyse e pela clareza das conclusões o trabalho de G. H. Luquet — *Les Dessins d'un enfant*. Fazendo desenhar da maneira mais espontanea possivel a uma sua filha, desde tenra idade, pôde Luquet concluir aguda interpretação de muitos aspectos ainda mysteriosos da actividade mental da criança. Criticando os trabalhos de

Os motivos preferidos pelas crianças.

Os pesquisadores da psychologia infantil se occupam com particular interesse dos motivos que as crianças preferem desenhar. São, entretanto, em numero reduzido os resultados até agora obtidos. “O desenho espontaneo — escreve Tobie Jonckheere — sendo um dos meios de expressão, pode servir para melhor compreensão do estudo psychologico da criança” (9). E não raro o desenho e a linguagem são associados para maior clareza de certos processos mentaes, sobretudo os processos logicos. Intimamente ligado ás questões de formação das idéas, dos interesses preponderantes em cada idade, etc. é o desenho, pela objectividade e clareza de seus contornos, uma exteriorização viva da sua ainda pobre actividade mental.

As pesquisas que realizámos neste sentido incidiram sobre 1.300 crianças, entre 4 e 16 annos, escolares e extra-escolares. Colhemos assim desenhos inteiramente espontaneos acerca dos motivos preferidos pelas crianças.

Os resultados se encontram no quadro abaixo, discriminados por idade e sexo:

Pela percentagem obtida em relação a cada motivo, notamos que os bonecos e as casas são os motivos preferidos, sendo que os bonecos preponderam nos primeiros annos; de 6 annos em deante, até 13, predominam as casas; depois dos 13 annos, óra num sexo predominam os bonecos (masculino), óra noutro as casas (feminino).

Os resultados obtidos por outros autores não se distinguem dos nossos: Maitland, Ivanoff, Luckens, Rouma, etc. assignalam a figura humana como sendo o motivo preferido nos desenhos infantís. “Durante muito tempo — affirma K. Bühler — o objecto de preferencia nos desenhos infantís é o homem e alguns animaes; mais tarde entram tambem a tomar importancia a casa, os carros puxados a cavallo e a locomotiva; e muito mais tarde as arvores, as flores e os objectos usuaes” (10). Interpretando este facto diz este autor que “o homem e os animaes são seres vivos e activos e a criança por depender delles. necessita entendê-los e situar-se convenientemente em relação aos mesmos”.

T. Jonckheere faz referencia aos resultados de um inquerito apresentados pela “*Committee on Child Study*” ao Congresso de Detroit. “Examinando a distribuição dos assumptos desenhados, nota-se que o facto mais significativo é a predominancia, entre todas as cousas, de formas relativas á vida

social e não a de formas que representam a natureza. E se se reunirem todos os desenhos destes dois grupos, encontram-se aproximadamente 31% em relação á natureza em todas as suas manifestações e 66% em relação aos seres humanos e suas diversas actividades" (11). Um facto digno de menção nos resultados da C. C. S. é que os meninos de 4 a 8 annos desenhavam com mais frequencia adultos, ao passo que entre as meninas se dá o contrario; ainda as meninas mostram a sua preferencia pelas cousas domesticas, enquanto que os meninos mostram mais interesse pelas cousas mecanicas.

Um aspecto do desenho infantil que ainda se acha longe de ser bem esclarecido é o que diz respeito ás diversas influencias do meio em que vive a criança: vizinhança do mar e dos rios, de engenhos, de fabricas e de quarteis; infiltração do ambiente escolar no que se refere á reproducção de objectos frequentemente vistos e desenhados e á acquisição de noções mais nitidas de proporção, perspectiva, etc.; effeito de factos sensacionaes, como guerras, grandes desastres, etc.

Caractéres do desenho da figura humana.

Victor Masriera demora-se sobre a maneira por que as crianças interpretam a figura humana, os animaes e as arvores. As nossas colleções de desenhos nos forneceram igualmente documentação apreciavel sobre as representações dos bonecos (12).

E' curioso como as crianças revelam em seus desenhos a preocupação pelos detalhes. Em todas as idades notamos a frequencia accentuada da presença dos elementos que constituem o rosto — olhos, bocca e nariz, assim como dos dedos, e por outro lado a ausencia bem assignalada de partes essenciaes da figura, como o tronco. Aliás essa particularidade igualmente se estende aos detalhes da indumentaria — botões, bolsos, rendas ou ainda accessorios, como cachimbos, oculos, guarda-chuva, bolsa, etc.

Rouma observa tres momentos na evolução do desenho da indumentaria. A principio a figura é núa, notando-se apenas detalhes de enfeite; mais tarde a figura apparece vestida,

deixando, entretanto, transparecer o corpo; emfim a figura e representada segundo o contorno exterior das roupas (13). Fica estabelecido que na evolução do desenho infantil o adorno tem precedencia sobre as peças indispensaveis do vestuario.

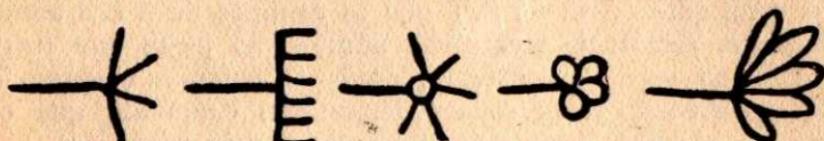


Fig. 19

Diferentes formas de dedos

Só a partir de certo momento é que as crianças desenhm o boneco com todos os seus elementos. Explica-se. No periodo que vae até o eschematismo falta á criança capacidade synthetica: os elementos óra eram simplesmente justapostos, óra eram agrupados numa ordem falsa, sendo que sempre faltavam os elementos essenciaes. Depois, já no periodo de realismo logico, a preocupação da criança é representar tudo o que sabe da figura humana; reúne numa mesma synthese todos os elementos que existem no "modelo interno", para usar uma expressão de Luquet. A criança nada esquece. Mesmo os detalhes e os aspectos naturalmente occultos pela posição em que se encontra a figura, apparecem com uma frequencia extraordinaria. Dahi a representação total do boneco encontrar-se com tanta elevação a partir dos 7 annos.

Em geral os desenhos que representam os sêres humanos são feitos sem apoio, como se estivessem no ar. As noções de espaço e de perspectiva só apparecem tardiamente. A partir de uma certa idade é que a criança é capaz de situar os desenhos num ponto do espaço, o que se pode deprender do traço ou do conjuncto de traços que a criança faz ao pé das figuras. Quando mais desenvolvidas, são capazes de desenhm ao lado do boneco uma casa, uma arvore, e ás vezes, nas ultimas idades, vamos encontrar, como ambiente para esses bonecos, verdadeiras paisagens, o que é prova de um senso de profundidade e perspectiva.

Uma particularidade que chama a atenção de quem examina collecções de desenhos de bonecos é a *transparencia*. Chama Luquet *transparencia* á característica do desenho, em certo momento, graças á qual podemos perceber os elementos invisíveis de uma figura, apesar de cobertos por outros. Não apparece essa particularidade somente nas figuras humanas; estende-se a todos os desenhos. Nos bonecos vemos commumente apparecerem atravez das calças e das saias traços que indicam as pernas; igualmente apparecem os cabellos quando cobertos pelo chapéu; e se o boneco se encontra á janella ou mesmo dentro de casa, é commum ser desenhado por inteiro. E' ainda o modelo interno que impelle a criança a desenhar completamente as figuras.

A desproporção e a desorientação são duas particularidades dos bonecos desenhados pelas crianças. E' frequente apparecerem cabeças maiores do que o resto do corpo, ou braços que arrastam os dedos no chão, ou o contrario, bracinhos demasiadamente curtos ou ainda desiguaes. Mãos immensas, dedos disformes, pés de todos os tamanhos são encontrados sempre. Só muito tarde é que as crianças revelam uma certa medida na dimensão de cada elemento da figura. Outra particularidade é a falta de orientação na disposição das partes do corpo. Vemos ás vezes elementos em logares absurdos: cabeças para baixo, braços pegados á cabeça ou ás pernas, olhos á altura da bocca, etc. E' preciso salientar que cêdo vae desaparecendo essa particularidade.

Os bonecos teem quase sempre uma mesma attitude; estranha rigidez manifestada pelos braços abertos, em cruz. Raros são os desenhos em que se nota mudança de attitude no largo periodo dos bonecos de face. Mais tarde, entretanto, quando a criança é capaz de fazer figuras de perfil, os braços se adeantam, mesmo sem indicarem movimento de marcha.

Nas primeiras idades predomina o desenho da figura humana vista de face, o que é perfeitamente razoavel, graças á necessidade que tem a criança de representar o que sabe do objecto ou pessoa a desenhar. O desenho de face não é de predominancia longa; muito cêdo os bonecos começam a tender para o perfil. As difficuldades de technica, inteiramente

te abandonadas a principio pela necessidade de representar todos os elementos que constituem o seu modelo interno, são afinal sentidas pela criança. Dahi começar desde certa idade a representar certos elementos de perfil, não perdendo o desenho os detalhes que ella sabe existirem na figura humana; é commum encontrarmos desenhos de bonecos com a cabeça de perfil e o olhos e orelhas de face.

Eis a ordem de evolução de cada elemento do corpo segundo nossas observações: em primeiro lugar giram os pés, óra para um só lado, óra para os dois, juntamente com os braços, ficando a cabeça de face; em seguida gira a cabeça, permanecendo os pés para um ou dois lados e os braços para os dois; logo após evolvem os braços para um só lado; por fim o tronco volta-se para o perfil. Estudando o perfil das figuras desenhadas pelas crianças, Rouma admite que são os pés e o nariz os elementos que primeiro apparecem de perfil; emquanto permanece o tronco por muito tempo de face, começam os detalhes da figura a girar (14).

As phases de desenvolvimento do desenho infantil: a phase da garatuja.

Depois da observação que fizemos de 5.600 desenhos de crianças entre 3 a 16 annos, podemos affirmar que são as mesmas as características encontradas por todos quantos, em varios paizes, se tem dedicado a essas pesquisas. Não se trata de uma simples coincidência. Aos psychologos não tem passado despercebida essa semelhança, o que vem cada vez mais accentuar a feição universal das características do desenho infantil. É preciso, entretanto, assignalar que as características proprias de uma idade não são as que se encontram na idade seguinte: o desenho infantil experimenta uma evolução perfeitamente assignalavel.

Até certa idade, aos 3 annos aproximadamente, o desenho infantil na grande maioria dos casos não passa de um amontoado de traços sem sentido: é a *garatuja* feita sem intenção de representar alguma cousa — pura actividade de ordem motriz, tão exuberante nos desenhos como nos gestos e na linguagem.

E' a primeira phase do desenho infantil — manifestação elementar de movimentos graphics. A garatuja é o desenho inintelligivel — massa confusa de riscos que se distanciam do contorno e das formas dos objectos. Para Cyril Burt “a phase do gratujador começa aos 2 annos, augmentando com ardente interesse na idade de 3 annos; entretanto pode persistir até os fins do quinto ano, quando a criança tem entrado na escola elementar” (15).

As crianças até certa idade tomam o lapis e com elle traçam riscos inteiramente livres. Estes movimentos a principio bruscos, desordenados e dirigidos para todos os angulos do papel ou das paredes, vão se tornando cada vez mais disciplinados, mais seguros e mais nitidos. Assegura Vermeylen que a criança logo que começa a rabiscar, as suas garatujas são simplesmente uma consequencia da exuberancia da actividade muscular, ou por outras palavras, são estreitamente relacionadas com o interesse sensorio-motriz (16).

Se surpreendermos uma criança a encher o seu papel de rabiscos, não os conseguimos decifrar. Ella propria rabisca sem a intenção de representar por traços qualquer objecto: trata-se apenas de um brinquedo. Admittindo igualmente a hypothese do desenho inicial como um brinquedo, Luquet esclarece: “mas se a criança considera o desenho como um brinquedo, ou mais justamente por esta razão, ella toma esse brinquedo como os demais — a serio. Na generalidade dos casos, quando alguma razão especial não a força a apressar seu traçado, os desenhos são para ella obras bem feitas” (17). A necessidade de interpretar o que rabisca é bem precoce. Mesmo numa época em que o realismo do desenho ainda está longo de ser representado, já as crianças, quando interrogadas, procuram a significação dos seus rabiscos: *isto é uma flôr; isto é um bicho*. Esses commentarios, só os fazem as crianças quando estimuladas. Tanto não ha intenção, a principio, de representar um determinado objecto, que a proposito da mesma garatuja costumam dar interpretações differentes, conforme a suggestão de quem interroga ou o capricho do momento. A necessidade de interpretar é anterior ao desejo intencional de desenhar preferencialmente alguma cousa. A interpretação

surge como uma surpresa para a criança. É a propria garatuja feita desordenadamente que acaba por parecer á criança com certo objecto — objecto que variará a cada nova compreensão visual ou capricho da occasião. Este momento é o da *garatuja* pre-intencional.

Passamos agora ao momento da *garatuja intencional* — momento em que a criança começa a annunciar os objectos ao mesmo tempo que desenha. Desde então o simples prazer da acção vae cedendo ao desejo de representar alguma cousa. A intenção surge como um novo factor da actividade graphica. Ou por terem visto outra pessoa desenhando, ou por terem comprehendido a relação visual entre as cousas e a sua representação, já ahi começam as crianças a dar mostras de que são impellidas a desenhando tal ou qual cousa, embora seja esse desenho um amontoado informe de rabiscos. Burt, Bechterew e Luquet affirmaram mais ou menos o mesmo. Sob a denominação de *realismo fortuito* este ultimo autor faz comprehender todos os desenhos das primeiras idades.

Aos 3 e 4 annos assignalamos pela frequencia duas tendencias: a tendencia para a garatuja em curvas continuas e a tendencia para a garatuja em curvas fechadas. Já nesta ultima o desenho infantil, apesar de ser incompreensivel sob o ponto de vista de realismo, é feito com a intenção de reproduzir alguma cousa. A garatuja vae sendo pelo seu character subjectivo a representação de animaes, objectos usuaes, figuras humanas, etc. Entre os desenhos que possuímos, a tendencia mais notavel é para as linhas curvas continuas — algumas muito longas, distribuidas numa trama cerrada para todos os angulos do papel, outras menores, interrompidas ou espiraladas (Quadros 1, 2 e 3).

Os desenhos iniciaes da criança não possuem uma forma definida e antes são a consequencia de movimentos desordenados da mão que sustenta o lapis. A esse desenho não subordinado a nenhum plano chamam todos os autores garatuja. Depois desta phase virá para Meuman a phase transitoria de *sentimento nascente da linha e da forma* (18). Vermeylen denomina essa phase de transição de *direcção geral*. “É um

20 Jan. 1950

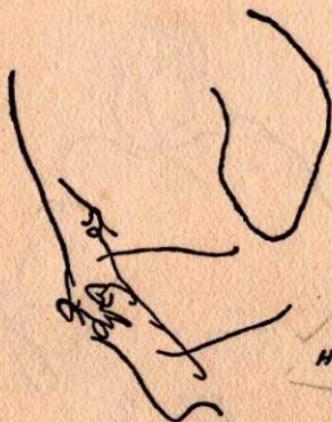
Cadeira



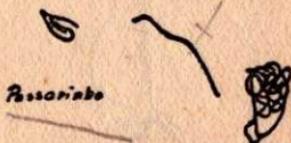
65 m 8,0



UR - 3,6



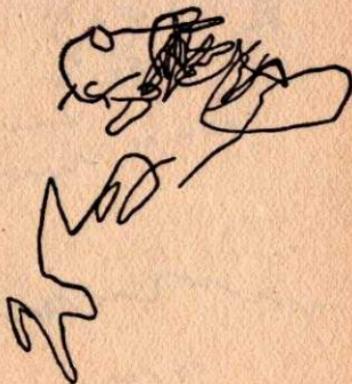
HAAR 1,9



Pessinho

85 m 3,1

Homen



VR 9 1,3

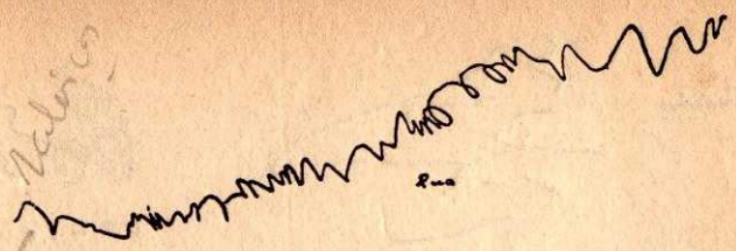
Rua do Luz



8 BM - 3,0

QUADRO 1

la Nubis



200

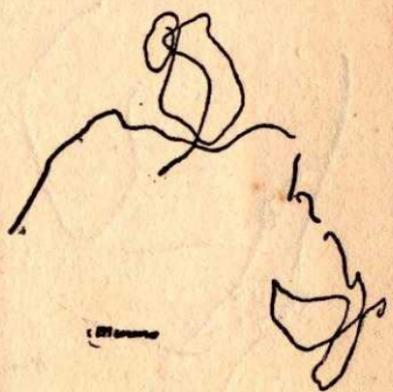
AM9 5 11



Homo m

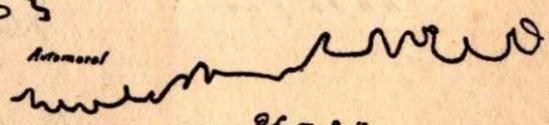
JL m 0.2

Automorol

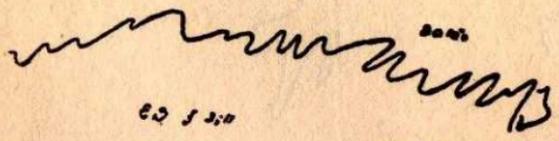


Strombo

JRS m 1.0



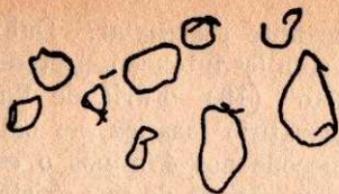
9L = 0.1



200

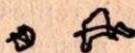
62 5 3:0

QUADRO 2



OLE

Janalles

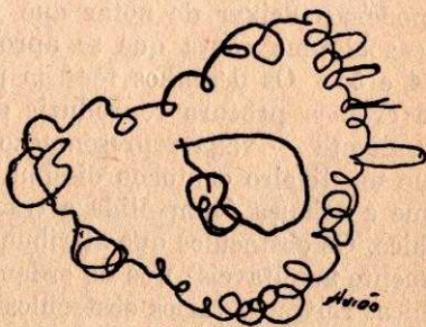


Hamen



JAB m 3;4

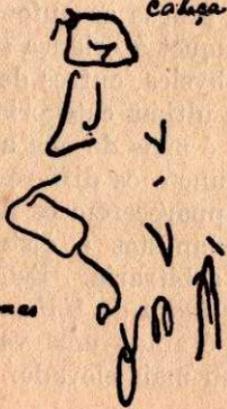
BS m 3;1



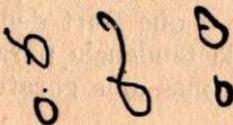
calça

Arão

89 f 1.9



pinças



Cálcara

JBA m 3;1

EMS f 2.8

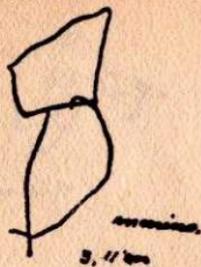
QUADRO 8

estadio de transição que é importante assignalar. Dahi por deante o desenho não é mais uma simples intenção, pretende tomar forma e representar o objecto" (19) Faria de Vasconcellos é da mesma opinião: "á garatuja massiça, ao balbucio graphico do primeiro periodo succede aos 4 annos o estadio da linha. A criança começa a aperceber-se de que existe uma relação visual entre o objecto e o desenho desse objecto e dahi o seu esforço para traduzir graphicamente a idéa visual" (20).

As observações que fizemos nos levam a admittir após a simples garatuja a phase de *tendencia para a forma*. É um momento de iniciação. Não encontramos nos desenhos infantís os traços e as particularidades que definem os objectos, mas não podemos deixar de notar que já existe nos rabiscos das crianças alguma cousa que se aproxima da realidade (Quadros 4 e 5). Os desenhos tendem para o realismo. Sente-se que a criança procura reproduzir dos objectos o seu aspecto mais saliente — vaga representação que ás vezes não é mais do que um ligeiro contorno dissimulado em caprichosos rabiscos que a criança é impellida a traçar graças ao automatismo graphico. Os obstaculos que attribue Luquet á criança são perfeitamente acceptaveis; uns de ordem physica, outros de ordem psychica. Entre os varios obstaculos da ultima categoria sobressae a incapacidade synthetica, que não é mais do que a impossibilidade de systematizar em um conjuncto os differentes detalhes que a criança desenha. Dahi apparecerem os desenhos com seus elementos simplesmente justapostos e distribuidos por vezes de maneira completamente arbitraria. Esta phase de transição a que Burt denomina o *estadio da linha* e a que chamamos da *tendencia para a forma* é ainda uma variedade da garatuja, mas uma garatuja de grau mais elevado.

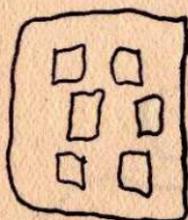
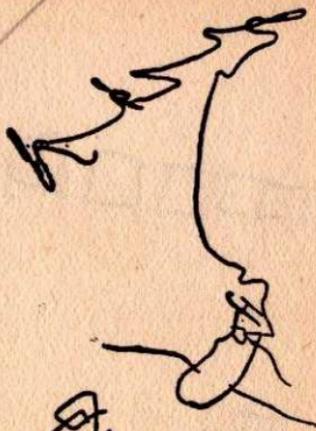
A phase symbolica ou eschematica.

A indecisão da phase anterior vae aos poucos cedendo logar a traços mais precisos. Os contornos accentuam-se e o desenho já pode ser interpretado com facilidade. Este momento caracteriza-se sobretudo pelo relevo que a criança dá ao aspecto essencial da cousa a desenhar. Realmente da fi-



3,4 cm

Yams



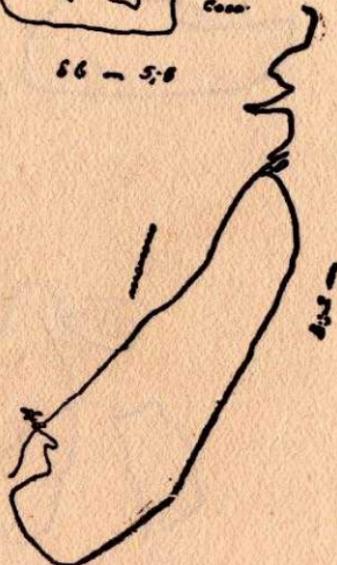
Coco

66 - 5,8



O.Popão

A.P.P.S. 11



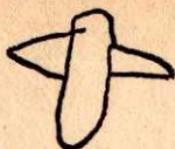
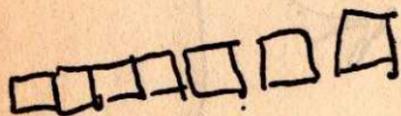
6,5 -



gama

3,6 cm

QUADRO 4



6:1 f



membr

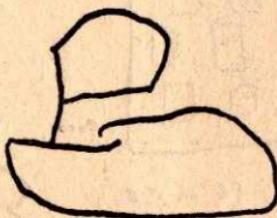
Sapo

WJA m. 6, 8



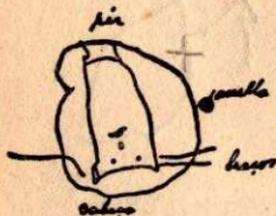
Membr

MBB f 27

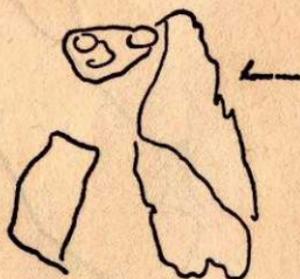


39 m

Zyphus



4:0 m



ganella 516 f

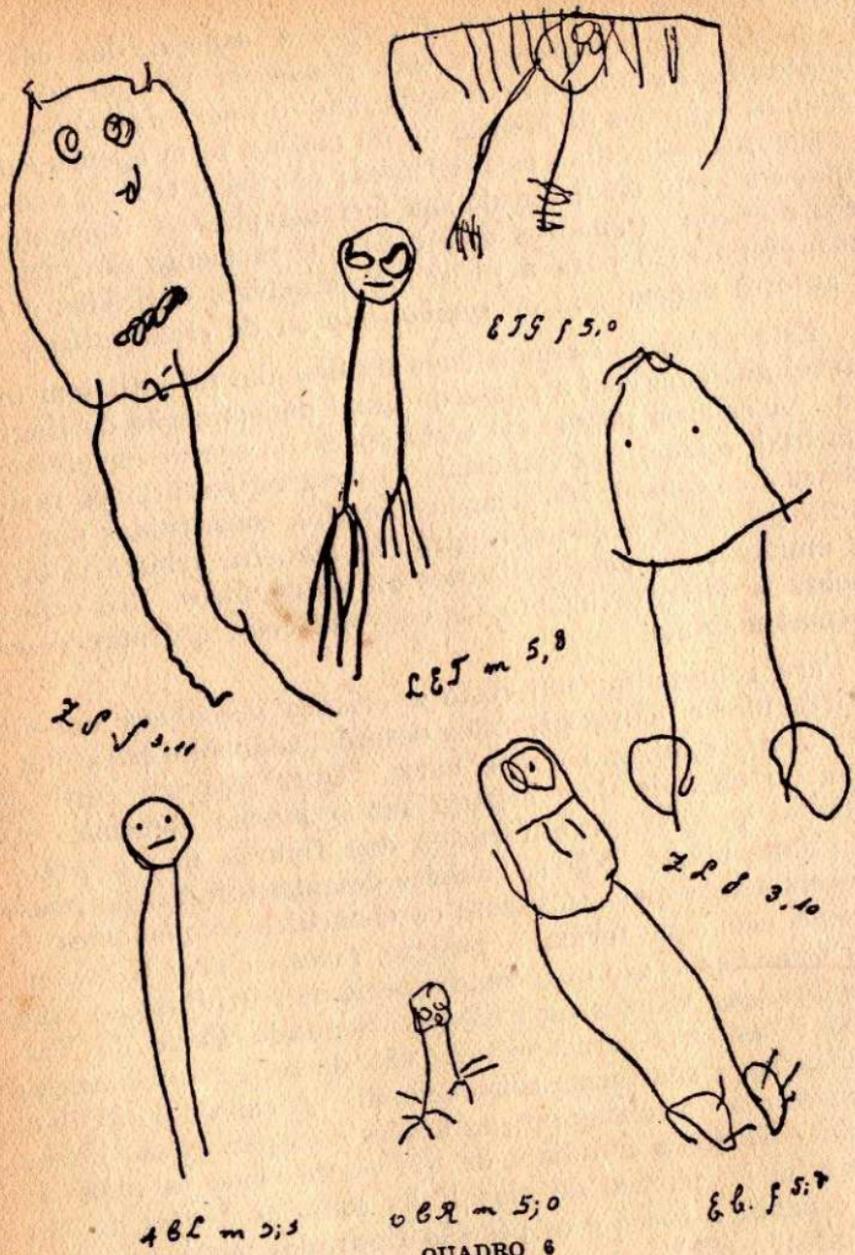
QUADRO 5

gura humana salienta as crianças a cabeça, das casas a fachada. Vermeulen notou esta phase em relação aos desenhos da figura humana e denominou-a a *phase do gyrino*. De facto, os desenhos de homem ou de mulher tem apenas cabeça e membros, sobretudo os inferiores; não ha o tronco, como os sapos em certo momento de sua metamorphose — somente cabeça e cauda (Quadros 6, 7 e 8). O momento do gyrino é uma preparação para a phase de caractéres definidos a que os autores denominam de *symbolismo* ou de *eschematismo*.

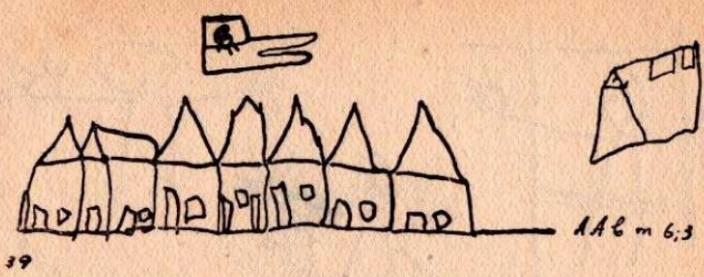
Esta phase de eschematismo do desenho infantil tem uma notavel analogia com a phase de igual denominação da linguagem. A criança possui em certa época do seu desenvolvimento mental, estruturas eschematicas para representar os factos, os sêres e as cousas: são imagens simples, constituídas por elementos genericos e que abrangem de maneira arbitraria objectos muitas vezes dessemelhantes ou antagonicos. No capitulo sobre o desenvolvimento logico voltaremos a tratar desses eschemas mentaes.

Para representar um rosto a criança desenhá um circulo irregular e pontos dispostos desordenadamente para dar a apparencia de olhos, bocca e nariz. Quer seja um rosto de homem ou de animal, a criança faz o mesmo eschema. As qualidades propriamente formaes das figuras não a preocupam nesta idade. Não se conhece desenho infantil na phase de eschematismo que represente os elementos componentes de um rosto com sua forma e posição reaes. Para Kerschesteiner os eschemas são uma como especie de recapitulação vaga das lembranças visuaes da criança. Segundo Faria de Vasconcellos: “as suas características são dadas grosseiramente; cada uma tem a sua forma convencional. A cabeça é circular, oval, quadrada ou triangular; os braços e as pernas são linhas paralelas; os dedos irradiam de um ponto como os raios de uma estrella ou partem de uma linha como os dentes de um garfo; o nariz, a bocca e os pés são figurados por convenções semelhantes” (21).

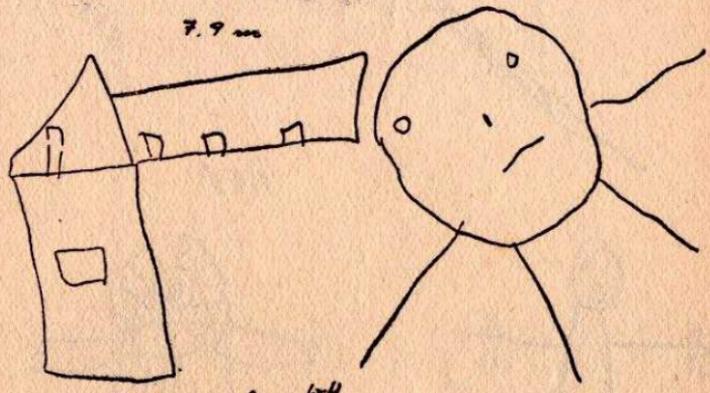
Os eschemas infantís são explicados pela pobreza de representações visuaes na criança até certa idade. Dahi a sim-



QUADRO 6

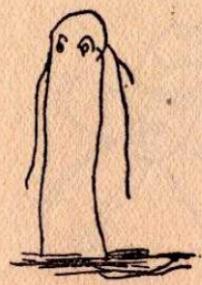


39

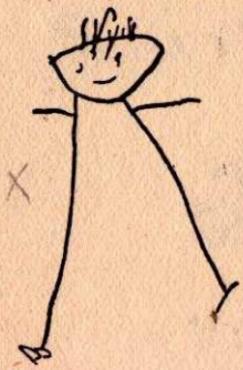


J.M.A. m 6,4

E.C. m 5,8

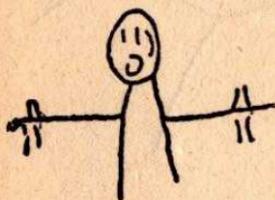
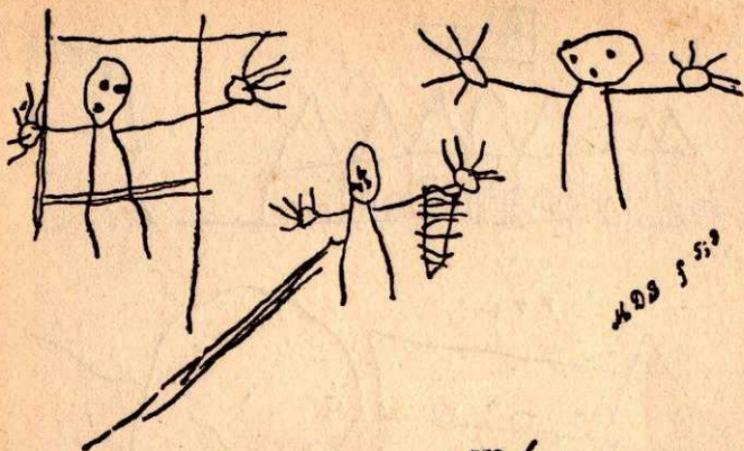


J.F.S. m 5,2

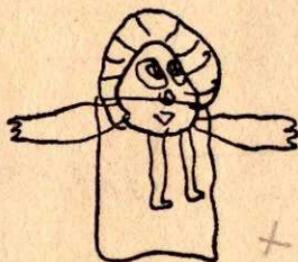


M.P.J. m 6,16

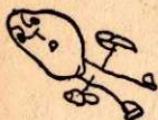
QUADRO 7



4 3 2 / 5.10.



+



1 2 4 / 5.6



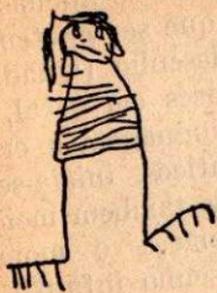
5/1 am

lificação dos desenhos. As crianças limitam-se apenas a reproduzir um numero minimo de detalhes que se repetem toda a vez que ellas voltam a fazer o mesmo desenho (Quadros 9, 10 e 11). Cyril Burt assim como os autores em geral, referindo-se a esta phase diz que “como na linguagem a criança começa por gritos e balbucio meio automaticos, inicia-se ella na expressão graphica por riscos e garatuhas tambem meio automaticos” (22). Depois desta phase começa o momento mais importante do desenvolvimento do desenho infantil. ✕

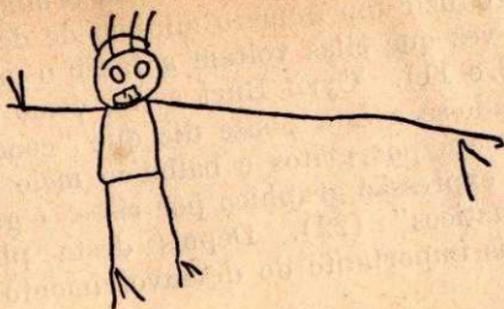
A phase do realismo — o realismo logico e o realismo visual.

O periodo de realismo logico é o em que a criança permanece mais tempo. É o apogeu do desenho infantil. Ha uma correspondencia estreita entre os processos logicos da criança e os seus meios de expressão; dahi a denominação “*realismo logico*”. Mas o realismo dos desenhos infantís offerece caractéres que se distinguem dos do adulto. “Para o adulto — escreve Luquet — um desenho para ser parecido deve assemelhar-se á photographia do objecto: deve reproduzir todos os detalhes e só os detalhes visiveis do logar de onde o objecto é percebido e com as formas que elles tomam deste ponto de vista; em uma palavra, o objecto deve ser figurado em perspectiva. Na concepção infantil ao contrario, um desenho para ser parecido deve conter todos os elementos reaes do objecto, mesmo os invisiveis, quer do ponto de vista de onde elle é percebido, quer de um ponto de vista absurdo, ficando cada um desses detalhes com sua forma caracteristica” (23).

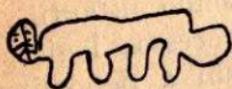
O que ha de interessante nesta phase é o que os psychologos chamam “realismo logico”, isto é, a criança visa deliberadamente e com certeza conscientemente reproduzir dos objectos que pretende representar não somente o que pode ver, mas tudo o que nelles se encontra e tudo o que sabe existir nelles. Diz Burt que o realismo desta phase é mais descriptivo do que representativo, mais logico do que visual. A logica da criança neste particular afasta-se grandemente da do adul-



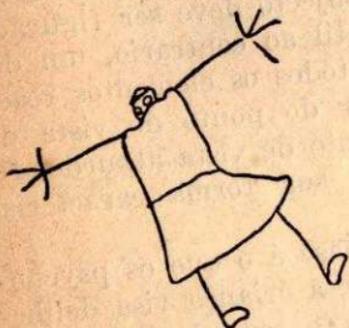
ESP 150



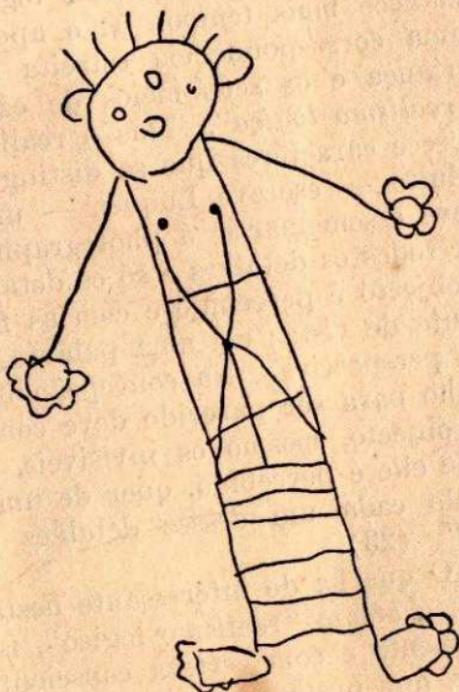
AAG mb3



97561



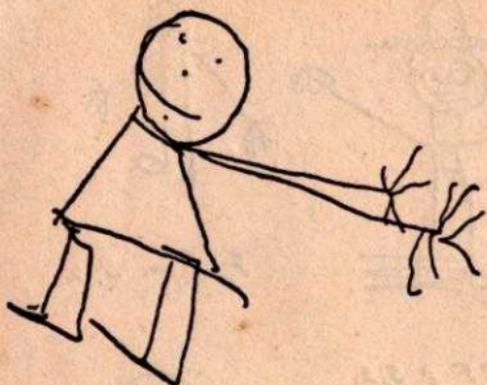
TTA 161



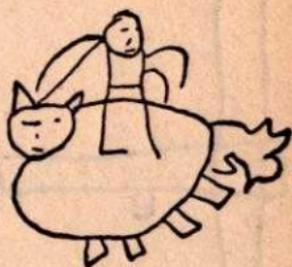
94 163

QUADRO 9

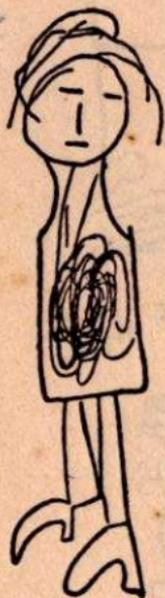
p1



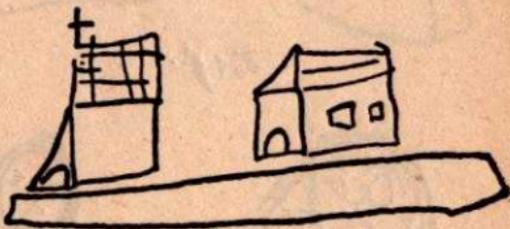
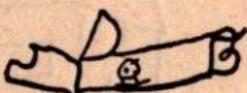
EB 56.9



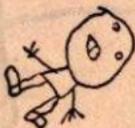
JOR - 6,1



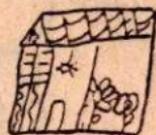
JOR m 6,1



6:4-5

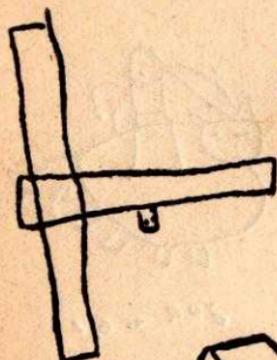


AS m 5,8



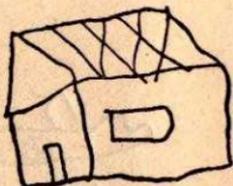
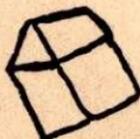
ESB/ 6,11

Anexo 3a

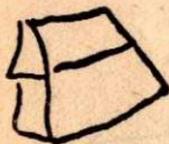


fjs m 5,3

M L F f 5,2



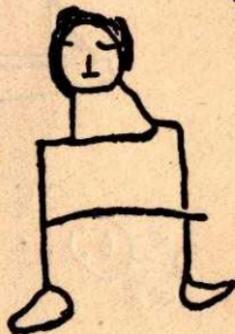
6,0m



5,1 f.



M A m 6,0



J. O f 6,8

M L B m 6,11

M M f 6,6

QUADRO 11

As suas concepções fogem inteiramente dos moldes rígidos do raciocínio das idades superiores. Por isso é que para ella o desenho deve conter todos os detalhes reais do objecto, todos os seus elementos logicos, mesmo os invisiveis e os que muitas vezes só existem na sua imaginação viva. A perspectiva da criança é de um absurdo inconcebivel. Mostra-o a maneira pela qual desenha a criança os objectos em situações diferentes. Em qualquer situação é mantido o principio do "realismo logico": pôr em evidencia, dando a cada um a sua forma característica, o maior numero ou a totalidade dos elementos essenciaes do objecto representado (Quadros 12, 13, 14, 15 e 16). Dahi as variedades de processos em que se nota:

a) *Descontinuidade* — a criança destaca um do outro os detalhes que na realidade se confundem e se dissimulam de accordo com a posição em que ella se encontra; é ainda uma maneira de pôr em relevo certos elementos da figura: os chapéus são muitas vezes desenhados fóra da cabeça afim de apparecerem os cabellos;

b) *Transparencia* — representação em toda sua clareza dos elementos invisiveis dos objectos; a criança dá transparencia ás partes que deveriam occultar outras, por isso mesmo que ella considera essas como devendo necessariamente apparecerem. E' este um processo muito generalizado. Pessoas debruçadas ás janellas mostram perfeitamente as pernas; as plantas apresentam as raizes atravez dos vasos; os moveis e as pessoas mostram-se claramente, apesar de se encontrarem no interior das casas; etc.;

c) *Representação em plano* — representação dos objectos como se estes estivessem em projecção sobre o sólo, isto é, como se fossem vistos do alto;

d) *Perspectiva absurda* — reproducção dos supportes dos objectos — pés, rodas, etc. — como se tivessem girado para os lados; é uma maneira de dar relêvo a elementos que forçosamente não poderiam apparecer se fossem representados em plano. As crianças desenhavam frequentemente mesas, casas e cadeiras desta maneira; as ruas igualmente são representadas com essa perspectiva absurda;

129



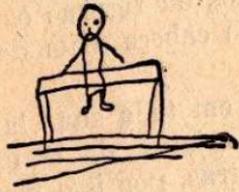
S.M. f 9:1



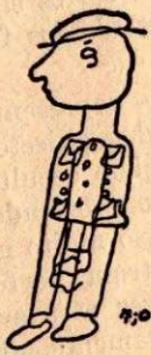
9:0m



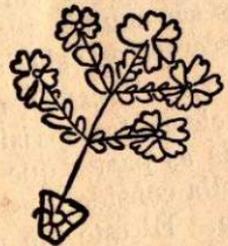
4 D m 3:10



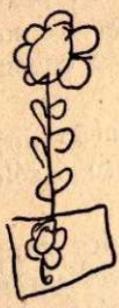
S.F.C. f 7:8



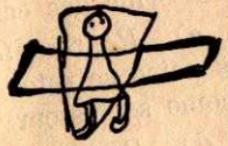
7:0m



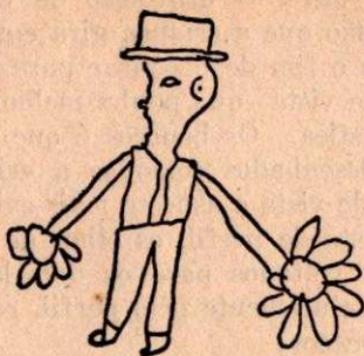
f.S.S. m 6:0



A.S.S. m 6:3



A.S.S. f 7:0



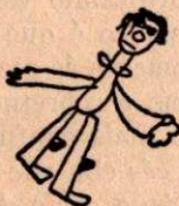
956 f 7,9



6M3 f 6,8



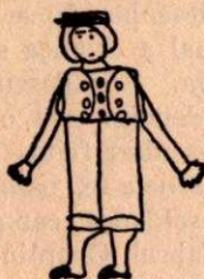
X 6.8 m 7,0



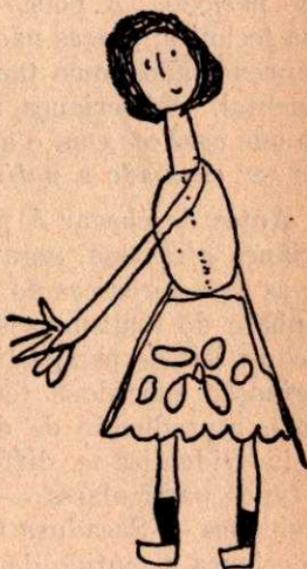
754 m 7,11



AV m 5,2



AM 58,8



729 f 6,11

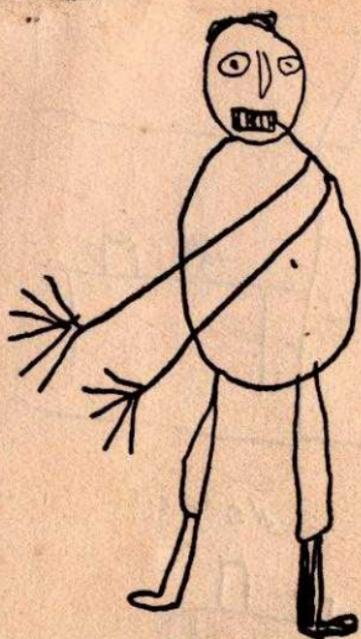
QUADRO 13

e) *Mudança de ponto de vista* — utilização de vários processos no mesmo desenho; como que a criança gira em torno do objecto a representar com o fim de procurar para cada um de seus elementos o ponto de vista que ponha melhor em evidencia a sua forma característica. Os bonecos é que mostram bem esse processo: são desenhados como se a criança fosse apanhando de cada ponto de vista o aspecto mais evidente. Assim ha figuras com o rosto de perfil, os olhos de face assim como os braços e os pés voltados para os dois lados. Antes de a criança decidir-se resolutamente pelo perfil, representa de maneira indecisa os bonecos;

f) *Representação da duração* — processo de desenhar scenas animadas, figurando differentes momentos, pessoas em logares diversos.

Permanece a criança utilizando esses processos durante longo periodo. A pouco e pouco é que ella vae modificando a sua technica, graças não somente ás rectificações e correcções do apprendizado, como tambem e sobretudo, ao desenvolvimemto mental. “A criança não mais confunde — affirma Burt — o que *conhece* com o que *vê*; ella vae restabelecer-se do que pode ser chamado a *nativa innocencia dos olhos*” (24).

Antes de chegar á phase denominada de *realismo visual* a criança atravessa, segundo Luquet, um momento de indecisão; as características do desenho não se acham bem definidas. Na phase do realismo visual a criança submete-se a pouco e pouco ás leis de perspectiva. “Ao desenho de memoria ou de imaginação succede a tendencia para o desenho do natural, para a reproducção de desenhos feitos por outrem. O desenho individualiza-se, differencia-se, passa dos typos genericos aos typos particulares — soldados, camponeses, etc. — e aos individuaes — Sacadura Cabral, Chaplin, etc.” ((25). Adquire a criança o sentido da perspectiva, da suppressão dos detalhes occultos, do relêvo, do espaço, etc. O desenho passa a ser mais exacto do ponto de vista do realismo, e sem aquelles erros e falhas que davam tão deliciosa ingenuidade aos desenhos das phases anteriores (Quadros 17 e 18).



J.O.V m. 7:10



M.Y.C f 6:0



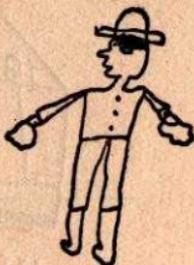
D.S.A f 8:1



A.L m 7:6



R.Z m 6:6

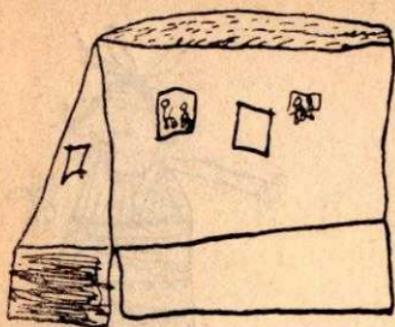


J.A.C m 8:10 A.A.B f 8:1

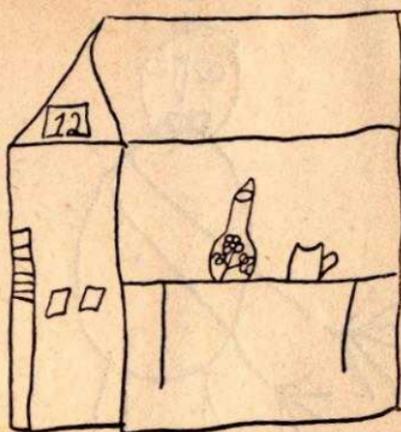


J.R.A m 7:0

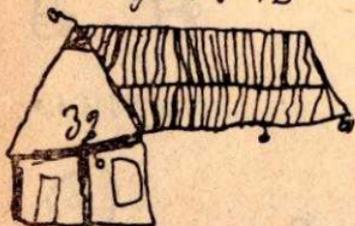
Anexo 4



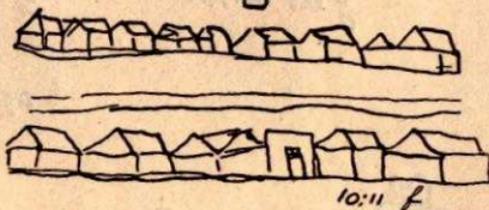
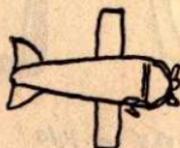
J.F.N 5 7,2



N.B 5 6,8



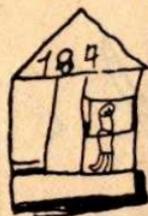
L.J.C m 7,2



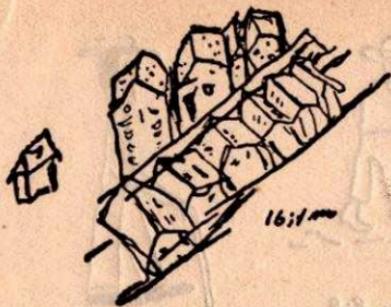
10:11 f



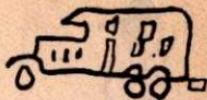
J.B m 7,11



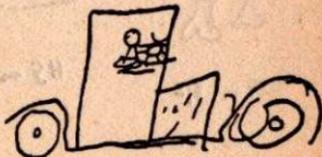
A.J.S / 7,0



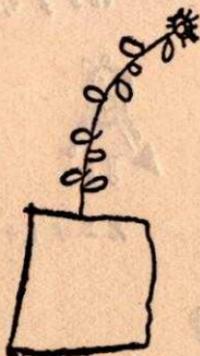
16;1 am



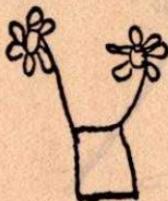
J.P m 7;8



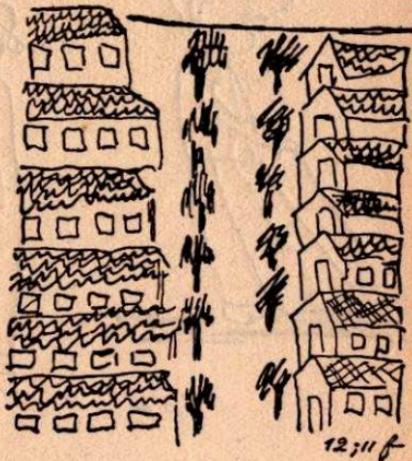
RBS f 7;9



LSC m 7,10

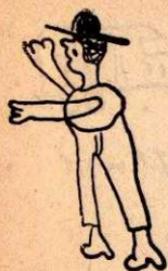


SA f 7;6



12;11 f

QUADRO 17



9.9 m 8;2



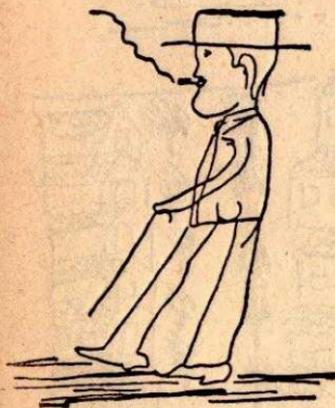
H.S. m 8;9



12.5 f 7;10



2.8 f 7;4



13;0 m



Q.B.M m 8;2

Burt considera nesta phase de realismo visual duas sub-phases: na primeira — *a two-dimensional* — o desenho do conjuncto e de suas partes é tentado apenas em contorno e os aspectos predominantemente escolhidos são representados a duas dimensões; na segunda — *a three-dimensional* — gradualmente a criança passa a desenhar as figuras a tres dimensões, com relêvo e perspectiva (26).

A phase de regressão.

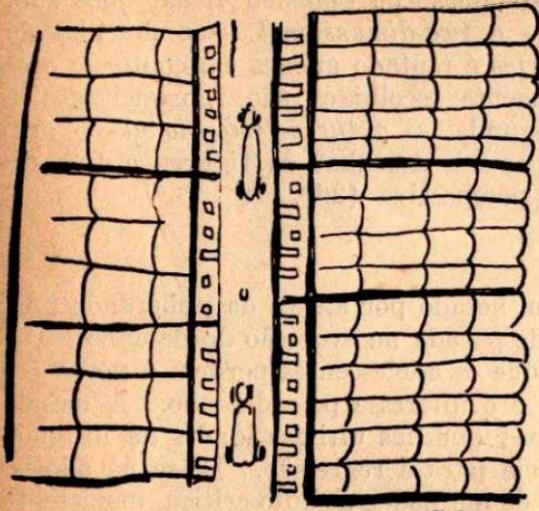
Varios autores teem notado por altura da puberdade uma *phase de regressão* ou de parada na evolução do desenho. Diz Faria de Vasconcellos que os adolescentes perdem o poder inventivo, o entusiasmo e o interesse pelo desenho. A mesma cousa notamos. É de ver que nas ultimas idades da infancia ha sempre uma tendencia para a regressão. Dá-se na adolescencia o apparecimento de um poder de auto-critica, inexistente nos annos precedentes, o qual leva os desenhadores a uma comparação e julgamento quase sempre desfavoraveis. As deficiencias e as imperfeições são agora notadas. Impossibilitadas por incapacidade ou inaptidão de um progresso evidente, acabam por desprezar inteiramente os desenhos.

Occupando-se desta phase, Burt denomina-a de *repressão*. Para este autor em certa época a expressão por meio do desenho e dos movimentos em geral, dominante na infancia, perde o anterior interesse; este é então transferido para a expressão por meio da linguagem. “E a fascinação pelo lapis, se ainda sobrevive, muda-se em attracção para a arte puramente geometrica e ornamental e para desenhos convencionaes” (27).

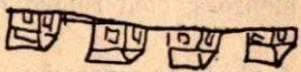
O interesse psychanalytico do desenho infantil.

Até bem pouco tempo o estudo do desenho infantil obedeceu a um criterio puramente psychologico. Equiparado o desenho á linguagem como forma de expressão do pensamento infantil, esse criterio psychologico de interpretação da phisionomia mental das crianças vae cedendo logar a um estudo de maior alcance da personalidade em suas raizes mais

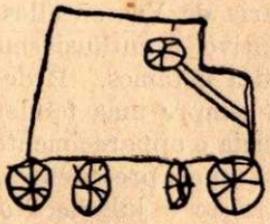
Mexico



15; 2m



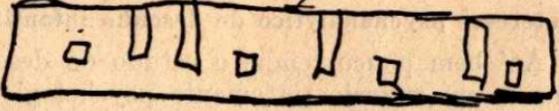
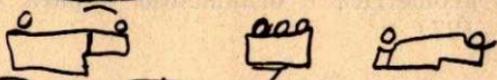
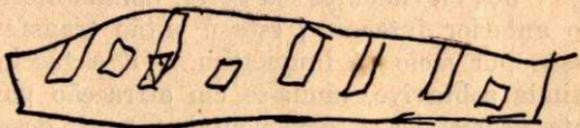
1910



S.S.B. 1910



AB 1910



16; 4m

QUADRO 16

profundas. A psychanalyse lança mão das associações livres, dos sonhos e dos actos falhados como caminhos seguros para atingir aos complexos inconscientes — aos nucleos que modelam e dirigem a personalidade total. Na criança são outros os instrumentos de sondagem das raizes profundas do psychismo — são os brinquedos e os desenhos. Melanie Klein e Hug-Hellmuth teem utilizado os jogos e brinquedos na investigação da personalidade infantil; e os trabalhos de Morgenstern mostram como se pode tirar partido dos desenhos como linguagem symbolica e, por isso, meio de expressão da personalidade.

A evolução do desenho infantil, estudada atraz segundo o criterio psychológico, pode pois ser encarada por um criterio psychanalytico e interpretada em suas relações com os componentes sexuaes da conducta infantil. Deste ponto de vista cada phase acompanhará a sexualidade em suas manifestações varias, desde o momento da indifferenciação até a idade accentuadamente genital.

Affirma Arthur Ramos que “os desenhos de crianças, muito mais frequentes do que se suppõe, revelam desejos, tendencias e phantasias de côr sexual. A ignorancia deste facto está em que é muito difficil, quase impossivel ás vezes se obtem desenhos espontaneos das crianças. Se a professora, em classe, pede á criança, deante de um pedaço de papel, desenhe o que lhe vier á cabeça, quase sempre ha *distorções*, *disfarces* inconscientes devido ao trabalho da censura” (28). Dado então o seu valor symbolico, o desenho infantil presta-se á semelhança do brinquedo como instrumento de sondagem da personalidade no que ella possui de mais intimo. Poucos são entretanto os trabalhos orientados neste sentido.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1 — W. Rasmussen — Psychologie de l'enfant (trad.) 1924. Paris.
- 2 — J. Piaget — Le langage et la pensée chez l'enfant. 1924. Paris.
- 3, 16 e 19 — G. Vermeylen — Psychologie de l'enfant et de l'adolescent. 1926. Bruxelles.
- 4, 10 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño (trad.). Madrid.
- 5, 7 — G. H. Luquet — Les dessins d'un enfant. 1913. Paris.

- 8, 13, 14 — G. Rouma — Le langage graphique de l'enfant. Paris.
 9, 11 — T. Jonckheere — Pédagogie au jardin d'enfant. 1929. Bruxelles.
 12 — V. Masriera — Manual de pedagogia del dibujo. Barcelona.
 15, 22, 24, 26, 27 — Cyril Burt — Mental and scholastic test. 1922 London.
 17, 23 — G. H. Luquet — Le dessin enfantin. 1927. Paris.
 18 — Meuman — Apud W. Rasmussen in op. cit.
 20, 21, 25 — Faria de Vasconcellos — Estudo sobre a aptidão para o desenho.
 Bol. do Inst. de Or. Prof. Maria Lulza Barbosa de Carvalho. Lisboa.
 28 — Arthur Ramos — O desenho infantil e sua significação psychanalytica.
 Rev. med. da Bahia. Fev. de 1936. N.º 2.
 O. Decroly — Algunas fases del desarrollo de la aptitud grafica — La
 psicología del dibujo — Apud Estudios de psicogenesis — Madrid. 1935.

RESUMO

1 — A linguagem e o desenho acham-se intimamente ligados ao pensamento infantil quanto aos caracteres do seu conteúdo e ás etapas do seu desenvolvimento. Ha entretanto a distinguir que o processo evolutivo da linguagem e do desenho não tem uma correspondencia temporal.

2 — Os methodos empregados no estudo do desenho infantil podem ser reduzidos a dois: o estatístico e o biographico. O primeiro consiste em apurar aspectos e particularidades em collecções de desenhos de procedencia varia, segundo a idade, o sexo, a condição social, etc. O segundo consiste em estudar todos os desenhos de uma mesma criança atravez de seu desenvolvimento.

3 — E' de todo interesse apurar-se os motivos frequentemente desenhados pelas crianças. Ligado á formação das idéas e dos interesses preponderantes em cada idade, é o desenho pela objectividade e clareza de seus contornos uma exteriorização viva da sua ainda pobre actividade mental.

4 — A figura humana é desenhada pela criança de maneira característica: abundancia de detalhes em detrimento de elementos essenciaes; ausencia de perspectiva, de proporção e de orientação; tendencia para traçar as porções naturalmente occultas; predominancia da representação de face nas primeiras idades.

5 — São as mesmas as características encontradas nos desenhos de crianças de raças diferentes; é preciso, entretanto, assinalar que as características proprias de uma idade não são as que se encontram na idade seguinte: o desenho infantil experimenta uma evolução assinalavel.

6 — Até 3 annos aproximadamente o desenho infantil não passa de um amontoado de traços sem sentido: é a garatuja feita sem intenção de representar alguma cousa — pura actividade de

ordem motriz, tão exuberante nos desenhos como nos gestos e na linguagem.

7 — A principio pre-intencional, a garatuja torna-se aos poucos intencional: a intenção surge como um novo factor da actividade graphica. Desde então o simples prazer da acção vae cedendo ao desejo de representar alguma cousa.

8 — Após a simples garatuja surge a phase de tendencia para a forma. Não encontramos nos desenhos os traços e as particularidades que definem os objectos, mas já notamos nos rabiscos das crianças alguma cousa que se aproxime da realidade.

9 — A indecisão da phase anterior é substituida aos poucos por traços mais precisos; esta phase caracteriza-se sobretudo pelo relêvo que a criança dá ao aspecto essencial de cousa a desenhar: a figura humana é representada com a cabeça e membros — é a phase do gyrino.

10 — A phase seguinte é a de eschematismo: a criança possui em certa epoca do seu desenvolvimento mental estruturas eschematicas para representar os factos, os séres e as cousas: são imagens simples, constituidas por elementos genericos que abrangem de maneira arbitraria objectos dessemelhantes ou antagonicos.

11 — A phase de realismo logico é a em que a criança demora mais tempo: a criança visa deliberadamente reproduzir dos objectos não somente o que pode vêr, mas tudo o que nelles se encontra e tudo o que sabe existir nelles. O realismo desta phase é mais descriptivo do que representativo, mais logico do que visual.

12 — Permanece a criança utilizando os processos do realismo logico durante longo periodo; a pouco e pouco é que ella vae modificando a sua technica graças não somente ás rectificações e correcções do apprendizado, como tambem e sobretudo ao desenvolvimento mental.

13 — Na phase de realismo visual a criança submete-se aos poucos ás leis de perspectiva. O desenho passa a ser mais exacto do ponto de vista de realismo e sem aquelles caractéres que davam tão deliciosa ingenuidade aos desenhos das phases anteriores.

14 — Varios autores teem notado por altura da puberdade uma phase de regressão ou de parada na evolução do desenho. Dá-se na adolescencia o apparecimento de um poder de auto-critica, inexistente nos annos precedentes, o qual leva os desenhadores a uma comparação e julgamento quasi sempre desfavoraveis.

15 — Dado o seu valor symbolico o desenho infantil é utilizado, á semelhança do brinquedo, como instrumento de sondagem da personalidade no que ella possui de mais intimo. A psychanalyse considera o desenho infantil como um dos caminhos seguros para attingir aos complexos inconscientes.

VOCABULARIO

- Acto falhado** — Movimento, gesto, palavra, etc. aparentemente sem nenhuma significação e utilidade, mas que a psychanalyse valoriza como verdadeiros symbolos.
- Associação livre** — Seriação espontanea de palavras, utilizada pela psychanalyse como instrumento de sondagem inconsciente.
- Disfarce** — Modificação experimentada pelos impulsos e complexos inconscientes afim de attenderem á censura ethica e social.
- Eschema graphico** — Desenho em que existem apenas os traços geraes do objecto representado.
- Ethnologico** — Que diz respeito aos caractéres raciaes.
- Garatuja pre-intencional** — Amontoado de traços de significação puramente motriz e anterior ao desejo de representar qualquer objecto.
- Garatuja intencional** — Rabiscos que correspondem ao desejo de representar graphicamente sêres e cousas.
- Incapacidade synthetica** — Impossibilidade physica e psychica que difficulta a representação dos elementos de um objecto em uma synthese compreensivel.
- Monologo a dois** — Expressão creada por Piaget para significar certo momento da linguagem egocentrica em que a criança pergunta e ella mesma responde, fazendo-se interlocutor.
- Modelo interno** — Representação mental dos objectos em que figuram elementos que a criança suppõe existirem nelles.
- Perspectiva absurda** — Maneira de desenhar objectos fazendo salientar elementos tomados de pontos de vista differentes.
- Realismo fortuito** — Termo empregado por Luquet para exprimir as tentativas frustradas de realismo.
- Realismo logico** — Representação da realidade segundo processos logicos que caracterizam certo momento da evolução infantil.
- Realismo visual** — Representação da realidade segundo normas da logica adulta.
- Regressão** — Phase do desenho em que voltam a apparecer os caractéres anteriores de representação graphica.
- Representação em plano** — Maneira de desenhar certos objectos como se elles fossem vistos do alto.
- Representação da duração** — Desenho em que a criança faz representar momentos differentes — uma mesma pessoa em situações varias.
- Transparencia** — Particularidade do desenho que torna transparentes certas partes da figura.

CAPITULO XI

A EXPRESSÃO LUDICA

O mundo da criança e o mundo do adulto; sua interpenetração: o brinquedo. Aspecto dominante do brinquedo. A evolução dos brinquedos: os brinquedos experimentaes e os brinquedos sociaes. A concepção philogenica do brinquedo: STANLEY HALL. A concepção biologica do brinquedo: KARL GROOS, CARR, LANGE. A concepção psychologica do brinquedo: CLAPARÉDE, BÜHLER, KOFFKA. A concepção psychanalytica do brinquedo: FREUD, ADLER. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

O mundo da criança e o mundo do adulto.

A conducta da criança revela a physionomia caracteristica do seu mundo. Em face dos acontecimentos a criança e o adulto concebem differentemente a realidade. O adulto tem uma attitude de acceitação, de conformidade, dentro das contingencias exteriores; a criança permanece á margem e acima da realidade, graças á sua capacidade de crear *a sua realidade*. A necessidade de comprovação, segundo Piaget, é uma consequencia do convívio social. Para que a criança atinja á plena consciencia da realidade terá de atravessar varios estadios: 1.º — até o 2.º ou 3.º anno ha uma confusão entre o real e o seu proprio desejo; 2.º — até o 7.º anno ha dois mundos igualmente reaes; 3.º — até o 11.º ou 12.º anno inicia-se a organização dos planos nestes dois mundos; 4.º — desta data em diante aperfeiçoa-se essa organização hierarchica em virtude do desenvolvimento logico.

A principio para a criança não ha distincção entre seus sonhos ou seus desejos e os objectos que percebe; elles teem uma consistencia e os demais attributos da realidade. Os seus julgamentos, as suas supposições identificam-se perfeitamente com o sensível: um pedaço de pau vale tanto quanto uma pessôa ou um animal. Mais tarde a criança descobre o mundo exterior e este terá a mesma realidade do seu mundo subjectivo; é com o maior desembaraço que ella age dentro delles, mas durante muito tempo o mundo exterior lhe parece menos importante do que o *seu*. E' frequente mesmo reduzir a criança o mundo objectivo aos seus proprios brinquedos; e não é sem resistencia que ella abandona a sua actividade ludica para penetrar no dominio cheio de restricções e de ordem do adulto.

Deixar os seus brinquêdos para realizar qualquer tarefa considerada como actividade *seria* custa sempre um grande esforço — resistencia e protestos de toda natureza. E' que durante muito tempo a criança prefere permanecer na esphera de sua phantasia. Com a evolução do seu pensamento logico, a criança estabelecerá uma ordem hierarchica que tende cada vez mais a fixar-se, a adaptar-se ás condições impostas pela vida social.

Durante todo o periodo da infancia a criança vive num mundo á parte. Emquanto ella não apprehende do mundo exterior os elementos que permittam elevá-la a uma nova comprehensão da vida — a vida do adulto — permanecerá dentro de um mundo em que só ha o plano do *aqui* e do *agora*. Sair desse circulo de percepções presentes e de concepções cheias de adherencias pessoaes equivale a dizer que a criança attingiu a um desenvolvimento completo. Começa a phase das construcções sobre planos em perspectiva. Desprega-se no espaço e no tempo, do ponto de partida adstricto ao *aqui* e ao *agora* e distende a sua comprehensão a dominios de pura abstracção. Socializa-se o individuo graças á necessidade constante de melhor adaptação a um sentido de vida que é o unico acceptavel na ordem social (1).

De onde parte a criança e como ella, aos poucos, deixa atraz o seu mundo mythico para attingir a este estado de evolução é que tem sido ainda impossivel explicar perfeitamente. A infancia e a idade adulta são duas espheras de vida, cada uma com o seu significado e conteúdo proprios. O processo de interpenetração e de justaposição desses dois mundos tem escapado aos theoricos. O brinquedo é que permite essa interpenetração e justaposição dos dois mundos. A conducta da criança emquanto brinca revela o nucleo da sua mentalidade primitiva e mythica. Descobre-se a direcção e a propria estructura de seu psychismo nos varios momentos de seu desenvolvimento logico: dentro de suas construcções mythicas e em transição para uma concepção clara das realidades exteriores. Dahi a necessidade da interpretação do brinquedo infantil. Explicá-lo — o que não foi ainda possivel com os

methodos até então postos em pratica — seria penetrar no proprio significado da infancia.

O brinquêdo é a actividade fundamental da criança. Brincando ella tem opportunidade para expandir o nucleo archaico que cada individuo guarda como uma herança ancestral. Integra-se em si mesma nessa mysteriosa e primitiva manifestação egocentrica de todas as suas tendencias e anseios obscuros. E' o brinquêdo a grande expressão de vida da infancia. Antes de surpreender no universo a plenitude de sua realidade a criança permanece num mundo á parte, construido para satisfacção de sua mentalidade. O problema do brinquêdo — escreve T. Causi — é o problema da criança. Por isso explicar o brinquêdo “é penetrar na intimidade organica e espirital da criança.” (2).

Aspecto dominante do brinquêdo.

Se observarmos o interesse, a attenção absorvente que a criança concede ao brinquêdo não podemos deixar de considerá-lo como uma actividade *seria*. Essa seriedade que parece um absurdo do ponto de vista do adulto, vae ao extremo de incorporar todas as cousas a esta sua dominante actividade. Os sêres inanimados são mesmo integrados na categoria dos sêres vivos. Nota-se bem este facto na conducta da criança quando conversa com as bonecas, os carros, os cavallos de pau, ou quando admite que esses objectos pensam e sentem como ella propria. Isto de attribuir ás cousas mortas as qualidades de vida tem sido acceito como aspecto principal do brinquêdo. E' o *animismo* infantil muito semelhante ao animismo do primitivo. A criança e o primitivo explicam os phenomenos da natureza por deducção dos seus proprios attributos. Levy-Bruhl e Koffka rejeitam a interpretação de que a criança começa por perceber as cousas com as suas qualidades naturaes e que depois as anima de vida. “O animismo — affirma este ultimo autor — não pode ser concebido como uma *explicação* do mundo; em primeiro logar porque a vida do homem primitivo não é tal que possa sentir interesse por explicações theoricas; e depois porque as causas naturaes que lentamente

descobrimos não existem para elle" (3). Assim os primitivos não teem necessidade de explicar o que para elles não existe. O que consideramos como causas naturaes, com propriedades que lhes são particulares, existe para elles differentemente — são cousas com propriedades mysticas. Todo o universo é englobado nessa concepção mystica. Igualmente a criança não distingue o inanimado do animado; ella percebe nas cousas uma mesma actividade vital. E' a opinião de Bühler quando affirma que a criança nada sabe da vida e da alma.

A distincção exacta das cousas e dos sêres vivos decorre, segundo a hypothese de Koffka, dos effeitos da sua conducta em face das cousas (4). Lentamente a criança aprende as qualidades inherentes ao mundo exterior. Notará as reacções das cousas que são vivas e a passividade das que são inanimadas. Mas até que a criança chegue a essa verificação, a sua conducta será identica em qualquer caso. Todas as cousas possuem qualidades animicas de começo, a pouco e pouco faz-se a differenciação. Absurdo seria considerar-se a criança em condições de perceber como os adultos as cousas exteriores e depois attribuir-lhes, á sua propria semelhança, qualidades animicas.

A evolução dos brinquedos: os brinquedos experimentaes e os brinquedos sociaes.

E' quase impossivel determinar-se desde que momento a criança brinca. O que caracteriza propriamente o brinquedo? Para Bühler a actividade ludica se distingue das demais actividades infantis pela sua tonalidade *prazenteira* (5). E' este character affectivo do brinquedo a causa da sua repetição frequente. Dahi podermos dizer que o brinquedo coincide com as actividades vitaes que despertam com os primeiros momentos, logo que essas actividades se exercitam com prazer. Como a criança não possui ainda os mecanismos motrizes em condições de um funcionamento livre, o brinquedo reduz-se a partir dos 6 mezes aos movimentos desordenados dos membros e aos exercicios vocaes que succedem á satisfacção das necessidades

elementares. Logo que a criança é capaz de realizar correctamente os movimentos de apreensão e de marcha, os brinquedos se tornam mais variados: agitar os objectos, produzir ruidos, correr, saltar são novas formas de brinquedo, compatíveis com o seu desenvolvimento physico e mental. Com o progresso das qualidades inventivas, os brinquedos se apresentarão sob modalidades numerosas, variando de maneira imprevisita segundo as situações e os estímulos de cada momento.

Os autores classificam os brinquedos infantis sob diferentes criterios, mas de todas as classificações a mais satisfactoria é a de Karl Groos. Esta classificação divide os brinquedos segundo o criterio individual ou colectivo dos mesmos. Os primeiros são experimentaes, os segundos tendem a despertar as tendencias sociaes (6). Graças aos jogos experimentaes, os mais cedo a apparecerem, a criança desenvolve as actividades geraes; e graças aos jogos sociaes, que são as formas superiores de brinquedo, a criança dá expansão ás actividades especiaes, necessarias á vida em commum.

I — *Brinquedos experimentaes*:

1 — De caracter sensorial:

- a) visuaes
- b) auditivos
- c) tacteis

2 — De caracter motriz:

- a) com o proprio corpo: balbuciar, correr, saltar, trepar, etc.
- b) com objectos: destructivos, constructivos, etc.

3 — De caracter superior:

- a) intellectuaes
- b) inventivos
- c) inhibidores: fazer silencio, evitar movimento.

II — *Brinquedos collectivos*

1 — De luta :

- a) de aposta
- b) de ataque
- c) de caça

2 — De amor :

- a) de boneca
- b) de situações familiares.

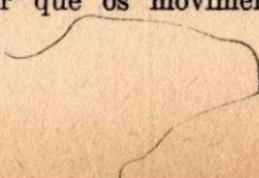
3 — De imitação :

- a) livres
- b) organizados

4 — De sociedade :

- a) de camaradagem
- b) de theatro
- c) de esportes collectivos.

Os brinquedos do primeiro grupo se iniciam com os movimentos dos membros e o balbucio. Estas primeiras manifestações são acompanhadas de vivo prazer e são de duração indefinida. A criança exercita seus órgãos motores a principio; depois os órgãos sensoriaes passam a ter uma grande preponderancia na actividade ludica: olhar a luz e as côres, escutar o som do maracá e as canções de embalo. Logo que a criança começa a revelar os primeiros indicios de invenção, de intelligencia e de vontade, novas formas de brinquedo apparecem. O aprendizado dos movimentos de apprehensão e de marcha não seria feito sem os brinquedos motrizes: agarrar, sacudir, correr, saltar, trepar, etc. Todos esses brinquedos constituem a nota predominante até certo momento. E' preciso salientar que os movimentos só são motivo de prazer



quando a criança encontra difficuldades a vencer. O exito dos esforços determinando prazer faz com que a criança recomece varias vezes o mesmo exercicio até que, desapparecendo a difficuldade, perca o interesse. Assim que a criança começa a andar, novas difficuldades engendra. Observa Preyer que a criança adopta toda especie de modificações da marcha: põe os pés para dentro ou para fóra, anda sobre os calcanhares, sobre as pontas dos pés, para traz, etc.

Outra especie de brinquèdos motrizes é a que se refere a objectos. Iniciam-se esses brinquèdos com o transporte de objectos usuaes de uma para outra parte, sem intenção definida, em conservar esses mesmos objectos nas mãos, em voltá-los, machucá-los, sacudí-los, etc. Mais tarde surgem os chamados brinquèdos de destruição — brinquèdos em que as crianças se fixam durante muito tempo até que aos poucos são substituidos pelos de construcção. O material que a criança emprega nessas construcções é em regra escolhido por si propria; areia, pedras, carreteis, etc. são a materia prima preferida. Brinquedo de grande interesse nesta epoca é o de atirar objectos á distancia: começando pelo simples jogar objectos ao chão, este brinquèdo tende a desenvolver-se consideravelmente com bolas. Com uma simples bola a criança fica absorvida horas a fio: arremessa-a pelo simples prazer de arremessar de começo, com effeito desejado mais tarde. As mãos são substituidas desde cêdo pelos pés: dar com o pé na bola é um jogo que desperta extraordinario prazer.

Os brinquèdos sensoriaes começam no berço com o simples olhar a claridade e escutar os sons. “Quando uma criança de 6 mezes — diz Bühler — toma em sua mão e dá voltas a um pedaço de madeira, absorve-se completamente nesta actividade e nos dá a impressão de que não somente goza com os movimentos, mas tambem com as sensações tacteis e visuaes, prazer que é a força propulsora destes jogos” (7). As primeiras explorações tacteis são feitas no seu proprio corpo — pés, dedos, etc., os quaes a criança toma como objectos extranhos. Depressa os seus órgãos sensoriaes começam a alcançar as cousas mais distantes: as côres, as formas, os sons, etc. são estimulos de

brinquedos sensoriaes. Os objectos moveis que permittem constantes variações de posição ou de attitude são os preferidos. Por isso é que ha tão forte interesse para os animaes ou brinquêdos de movimento. Com certeza nesta epoca os brinquêdos estaticos nenhuma importancia teem; ou antes, logo a criança os transforma em peças moveis com as quaes pode construir o que entende. Já tivemos oportunidade de mencionar a tendencia destructiva da criança nesta epoca, — apparentemente destructiva, poderíamos dizer. Na realidade a criança é impellida a dar expansão á sua actividade constructora; a destruição dos brinquedos estaticos é uma maneira de torná-los mais plasticos e dynamicos. Com as peças desarticuladas a criança tem oportunidade de armar o que lhe convem e de cada vez uma nova construcção.

Erro em que incorrem muitos paes é o guardar brinquêdos para quando os filhos tiverem mais idade. Elles procuram evitar a *destruição*. Mas é interessante notar como as crianças se vingam desse zêlo excessivo dos paes, desprezando inteiramente os brinquedos simplesmente *para ver*. O seu interesse se volta de maneira absorvente para objectos considerados insignificantes. E' que a criança attende sobretudo ao seu instincto constructivo. Os brinquêdos estaticos, inteiriços não lhe permittem a renovação constante de situações ou de scenas animadas.

A proposito da insistencia com que as crianças novas ás vezes se entreteem com os mesmos brinquêdos de baixo nivel intellectual e da mobilidade que outras vezes ellas revelam ensaiando a cada instante brinquedos novos, Gaupp emite opiniões que merecem reparo. (8). A perseverança com que uma criança apita ou desliza sem cessar é explicada por este autor como resultante da pobreza de representações da criança e como necessidade de prazer que o rythmo produz; e a variação de brinquedo é interpretada como indicio de fadiga. Não nos parece razoavel a interpretação de Gaupp para essas duas hypotheses. Em cada momento tem a criança necessidade imperiosa de satisfazer umas tantas disposições physicas ou mentaes que despontam. A perseverança ou a mobilidade

no brinquedo existem em função dessas mesmas disposições. Tocar corneta ou rufar o tambor o dia inteiro corresponde ao interesse do momento. Necessariamente nesta época as peças de um jogo de armar, os soldados de chumbo ou a bola não estimulam o interesse infantil: estes brinquedos corresponderão a seu tempo a outros interesses. A própria criança selecciona os objectos de brincar; tanto assim que os modifica ou os despedaça afim de ajustá-los aos seus interesses ou disposições do momento.

Dos brinquedos collectivos destacaremos os de luta, o da boneca, os familiares e os de imitação. Estes brinquedos favorecem a adaptação da criança ás normas collectivas. Carr vê em certas especies de brinquedos collectivos uma necessidade para a liberação de certas tendencias anti-sociaes. Ha na realidade um fundo egotista nas crianças novas. Facilmente notamos este facto na maneira como se conduzem as crianças educadas sem companheiros, que se intromettem pela primeira vez em brinquedos collectivos. Ellas não se adaptam immediatamente ao grupo; logo revelam o seu egotismo pela falta de tolerancia, de acceitação das ordens e das normas adoptadas no brinquedo; rebellam-se com facilidade, querem alterar as combinações, entram logo em lucta: são verdadeiros *desmancha-prazeres*. Com a continuação acabam por se adaptar ao grupo.

Os brinquedos de lucta são considerados como um remanescente da herança combativa dos primitivos. Os brinquedos de lucta, de caça e de esconder recordam realmente as actividades ancestraes. Elles são organizados espontaneamente pelas crianças — o que torna possivel a hypothese hereditaria desses brinquedos. As crianças empenham-se em lucta a principio por hostilidade; são as disputas que começam em arenga e vão até o attricto dos corpos. Essas luctas sobreveem do choque egotista das crianças. Mais tarde o brinquedo de lucta organiza-se, toma o aspecto de combate entre dois partidos, com regras pre-estabelecidas e campos de acção perfeitamente delimitados. São os combates simulados, as guerras de mentira.

O brinquedo da boneca, pelo seu relêvo na vida da criança, é por isso mesmo o mais importante dos brinquedos. Sem nos reportarmos a memorias de mulheres illustres ou a romances de crianças, uns e outros mais ou menos convencionaes, podemos notar pela simples observação quanto a criança, sobretudo a do sexo feminino ama a boneca. Ha vestigio do brinquedo da boneca nas civilizações mais antigas; as crianças de todas as raças possuem as suas bonecas. Os esforços de investigação da origem deste brinquedo têm sido mais ou menos improficuos. E' possivel que a boneca descenda em linha recta dos symbolos totemicos dos povos primitivos, symbolos que foram perdendo o seu character mythico com o desenvolvimento da mentalidade humana. Não será o apêgo que as crianças lhes teem um residuo desse fundo archaico da alma humana que tende a desaparecer por influencia das construcções da vida social presente?

De todos os brinquedos infantis é o da boneca o que nos parece mais enquadrado na concepção de Adler. A necessidade de superar a secular inferioridade feminina tem na boneca a mais decisiva compensação. Brincando com a boneca, a menina tem a illusão de um dominio, de uma autoridade que se affirma como em nenhuma outra forma de conducta. As situações que a criança pode criar livremente com a boneca tornam mais viva a illusão de poder. Aliás a utilidade do brinquedo da boneca tem sido já admittida de certo modo por Queyrat e Claparède como uma expansão do instincto de dominio (9). Não é quanto a esse aspecto que o consideramos, mas como uma compensação da inferioridade da criança.

Não acreditamos que o brinquedo da boneca seja apenas uma manifestação do instincto maternal, como certos autores admittem. Seria negarmos a força insuperavel deste mesmo instincto que por certo ha de desabrochar no tempo opportuno, sem necessidade de preparação. Além disso é mais frequente do que se suppõe brincarem meninos com a boneca. Sem levarmos em conta hypotheticas tendencias feminoides, preferimos considerar o brinquedo da boneca como uma compensação da inferioridade infantil.

Os brinquedos familiares são muito communs nos agrupamentos infantís. De certo que as situações criadas pelas crianças como fazer de pae e de filhos, são grandemente influenciadas pela imitação. E' para assignalar como nesses brinquedos se submettem as crianças ás normas necessarias para a sua realização. Esses brinquedos e todos os demais de character social são de uma importancia consideravel como estimulo das tendencias gregarias da criança.

Nos brinquedos de imitação revelam-se as crianças com um poder de observação que surpreende. E' claro que não nos referimos ás primeiras tentativas de imitação ao inicio da infancia. A imitação na segunda infancia já mostra quanto a criança se deixa influenciar pelo meio em que vive. Os brinquedos variam segundo as actividades e os habitos do ambiente familiar, segundo a vizinhança, as occupações dominantes no grupo social de que faz parte, situação do logar de residencia, etc. As crianças brincam de motorista, de professora, de costureira, etc. imitando os paes. E' commum o brinquedo de soldado, de operario, de comboio, de navio, etc. por influencia da vizinhança de quarteis, de fabricas, de estrada de ferro, de porto, etc. Crianças do interior não costumam brincar de navio ou de jangada, assim como crianças do littoral não introduzem a pega do boi, as actividades de fazenda ou de engenho nos seus brinquedos. Ainda salientamos a influencia de acontecimentos importantes nos brinquedos infantís: as sedições militares, os desastres, os incendios, etc. dominam como motivos preferidos durante muito tempo, no espirito das crianças.

O brinquedo tem um valor proprio pelo que importa em desenvolvimento mental e affirmação da personalidade infantil. A proposito da tendencia actual da escola em aproveitar o brinquedo como ponto de partida para a aquisição de noções, não é fora de tempo mencionarmos o que diz Bühler: "uma cousa ha de evitar a educação, isto é, o absurdo de querer introduzir nos jogos infantís *miseraveis propositos* educativos" (10). O habito de dar-se a crianças na phase dos brinquedos de construcção cubos em que ha

letras do alphabeto ou fragmentos de mappas geographicos de certo que se acha incluido naquelles *miseraveis propositos* educativos de que fala Bühler. E' preciso que, em cada momento, paes e mestres deixem ás crianças a liberdade de se orientarem conforme as linhas geraes que lhes traça a natureza. Tão condemnavel é o desprezo que os paes possam votar ao destino de seus filhos como a sua excessiva assistencia, ao querer impor-lhes normas impertinentes de conducta.

A concepção philogenica do brinquedo.

A concepção philogenica do brinquedo é uma applicação particular da theoria da recapitulação. Tomando por base a lei biogenetica de Haeckel, segundo a qual o desenvolvimento da criança seria um resumo do desenvolvimento da especie, Stanley Hall procurou uma comprovação desse parallelismo fixando quaes os pontos communs entre a ontogenese e a philogenese. Para isso analysou differentes formas de conducta na criança com o fim de resaltar os elementos que não dependem de influencias do meio nem de aquisições individuaes. Esses elementos da conducta infantil foram então explicados como vestigios de uma actividade ancestral, conservados apezar de todas as vicissitudes e transformações do tempo, em varias formas da conducta do individuo. Assim, o brinquedo infantil para Stanley Hall são rudimentos de actividades das gerações passadas e seu exercicio é necessario ao organismo da criança afim de permittir o desenvolvimento de outras funções, exactamente "como a cauda do gyrino que tem de ser desenvolvida e posta em acção afim de estimular o crescimento ulterior das pernas" (11). Brincando, a criança não só revive uma archaica actividade da especie, a qual tende a desaparecer com a idade adulta, como favorece o desenvolvimento de funções necessarias no estado actual da civilização. Cada brinquedo teria uma historia remota, com raizes na conducta do homem primitivo. Na realidade certos brinquedos infantís teem uma analogia impressionante com as actividades predominantes entre os povos primitivos — a caça, a guerra, a migração. Os brinquedos de lucta, de

esconder, de fuga, etc. parecem residuos da vida primitiva resurgidos na infancia actual. Por outro lado innumerous brinquedos fogem a esta regra: são os brinquedos de imitação de actividades modernas. São estes, talvez, os que predominam na actividade ludica da criança. Quanto ao segundo aspecto, isto é, a função estimuladora do brinquedo, a theoria de Stanley Hall aproxima-se da concepção de Karl Groos — é uma preparação e um aperfeiçoamento de actividades futuras. Assim para a theoria de Stanley Hall, o brinquedo é ao mesmo tempo um post-exercicio e um pre-exercicio.

A concepção biologica do brinquedo.

Entre as varias interpretações biologicas do brinquedo infantil destacam-se as de Karl Groos, de Carr e de K. Lange. Essas concepções vieram substituir as velhas theorias do *repouso* e do *excesso de energia*. A theoria do repouso explica o brinquedo como uma necessidade de descanso do organismo fatigado. Lazarus e Muths aceitando esta explicação não fazem mais do que incorporar a opinião vulgar sobre os jogos em geral. Applicavel ao caso dos jogos do adulto, esta theoria é falsa em relação aos brinquedos infantis, visto como a fadiga das crianças sobrevem por excesso de exercicio durante o proprio brinquedo, e nenhuma outra oportunidade haverá para ellas se fatigarem. Diz Causi que esta concepção empirica do brinquedo tem a vantagem de alliviar os males profundos que resultam do estafante regimen escolar (12).

Segundo a theoria do excesso de energia, defendida por Schiller e Spencer, a criança brinca para consumir a energia superflua que ha em seu organismo. Emquanto a theoria anterior affirma que o brinquedo é um meio de adquirir energia, esta diz que o brinquedo é um meio de consumi-la. Não é aceitavel o ponto de vista de Spencer: não ha energia superflua no organismo da criança. Não se justificaria semelhante prodigalidade da natureza numa época em que o individuo tem de resistir ao processo de crescimento e ás influencias perturbadoras supervenientes do proprio meio. A theoria de Spencer alem disso contem uma injustiça: só

as crianças excessivamente fortes poderiam ter o luxo de brincar.

A concepção de Karl Groos, isto é, a theoria do *exercício preparatorio*, é a que tem maior fundamento scientifico e por isso a maior acceitação. O brinquedo para este autor é uma actividade preparadora da *vida séria*. Observando as formas de conducta entre os animaes novos, notou Groos que ellas variam com as especies e que muito se assemelham á actividade que o animal ha de realizar em seu estado adulto. Cada especie animal teria os seus brinquedos especiaes como possui a sua conducta adulta. Os animaes jovens não fariam brincando outra cousa senão se exercitarem para aquella forma de conducta especifica necessaria á vida dos animaes adultos. Assim, o gatinho, saltando sobre um fragmento de papel e agitando-o com a pata, prepara-se para as futuras lutas com os ratos; os cabritos em face do mesmo fragmento de papel ficarão indifferentes, mas brincam arremessando a cabeça como um exercicio preparatorio dos futuros ataques. Teriam então os brinquedos de cada especie animal a utilidade de exercitar os instinctos ainda mal desabrochados nos primeiros tempos da vida. Quanto mais adeantada fôr a especie tanto mais demorada e variada será a sua preparação durante a infancia, por meio dos brinquedos (13). E' o que acontece com a especie humana. A theoria de Gross tem sido passivel de critica de innumerous autores. T. Causi oppõe á concepção do exercicio preparatorio considerações bem fundamentadas. "Dizer-se que o brinquedo é um exercicio para a vida séria seria não menos incongruente do que affirmar que a idade adulta é a preparação para a velhice e esta uma preparação para a morte" (14). Em seguida Causi justifica: "a vida é um processo condicionado pela constituição organica, no qual em nada entram considerações de idade e de categorias, mas unicamente as possibilidades que os orgãos encerram para desenvolver uma maior ou menor actividade funcional". Ainda Causi leva os seus argumentos ao ponto de ser possivel negar o valor substantivo da infancia com a acceitação da theoria de Groos. Se a funcção propria da criança é a de preparar-se para ser homem em pequeno, para poder sê-lo

effectivamente mais tarde, se a criança é criança para poder brincar e brincando é como se exercita para a *vida séria* — a pedagogia não teria outra cousa a fazer senão activar essa preparação, dando á criança oportunidades para desenvolver-se rapidamente.

E' claro que não se pode tomar ao pé da letra a concepção de Groos, isto é, que a criança em cada brinquedo se exercite particularmente para uma certa actividade *séria*; mas poderemos acceitá-la naquelle aspecto do brinquedo como um exercicio de preparação geral para a vida adulta. Brincando de soldado, de chauffeur ou de marinheiro a criança não está aperfeiçoando uma tendencia especial; mas é innegavel que por intermedio desses brinquedos a criança adquire uma experiencia geral que tende a consolidar-se por influencia do meio e assim melhor adaptar-se á vida social. Será o brinquedo uma actividade que estimula a preparação geral para a vida adulta. Dahi ser condemnavel a preocupação educacional que procura introduzir nas actividades infantis as occupações e os trabalhos do adulto. As actividades adultas não podem desempenhar rigorosamente a função dos brinquedos. E' preciso, segundo a expressão de Claparède, deixar que a criança permaneça criança todo o tempo necessario ao seu amadurecimento. A tendencia de certos systemas escolares quererem transformar o ambiente escolar em ambiente de trabalho — tendencia que vae tendo uma acceitação geral — parece-nos um absurdo tão grande quanto esperar de uma criança um sentido de vida que muito distante se encontra ella de possuir. A estrutura mental da criança não se ajusta a semelhante objectivo pratico. Para a criança a acção vale pela propria acção e nunca pelos propositos utilitarios que os mestres procuram conseguir della. O nosso ponto de vista é o de defesa da infancia contra a intromissão da pedagogia do trabalho inoportuno, visto como a infancia é uma phase da vida que tem um valor e um significado que impõem um tratamento e um ambiente proprios para expandir-se livremente.

A theoria de Carr offerece um duplo aspecto: é ao mesmo tempo o brinquedo um estimulo do organismo em crescimento e um derivativo das tendencias anti-sociaes que a

criança traz ao nascer, incompatíveis com o estado actual da civilização. Por ocasião do nascimento o systema neuro-muscular ainda não se acha em condições de exercer plenamente as suas funções; então o brinquedo ha de promover o adestramento dessas mesmas funções nos primeiros annos de vida. Como função cathartica o brinquedo tende a canalizar no sentido util as tendencias consideradas nocivas á vida collectiva. Os impulsos aggressivos e sexuaes que se manifestam tão precocemente na criança adquirem por meio do brinquedo as mais variadas formas de expressão, como os combates simulados, os ataques de *mentira*, o brinquedo da boneca, os brinquedos familiares, etc. (15). Essas formas de expressão constituem um derivativo e uma expansão opportuna e accetavel do primitivo nucleo aggressivo e sexual. O conceito de *sublimação* das tendencia individuaes da escola psychanalytica tem certa analogia com a *catharese* de Carr. A sublimação não é mais do que uma canalização util dos instinctos perniciosos ao individuo e á sociedade. A acção cathartica é mais accentuada nos ultimos annos da infancia, visto como no inicio da vida as tendencias sociaes se encontram apenas esboçadas. A Causi repugna a função cathartica do brinquedo, porque a criança ao nascer não possui tendencias sociaes ou anti-sociaes, as quaes são *convencionalismos* que a natureza não conhece.

K. Lange interpreta o brinquedo como uma actividade que tem por fim despertar tendencias ainda adormecidas na criança e que as necessidades da vida não estimulam cêdo. O brinquedo desempenha então uma função completiva — objectivo semelhante ao que K. Groos attribue ao brinquedo (16). Segundo Claparède a concepção de Lange substitue a realidade, ainda de estreitos limites na infancia, pelo brinquedo que desempenharia um papel predominantemente compensador.

A concepção psychologica do brinquedo.

Entre as theorias que dão relêvo ao aspecto psychologico do brinquedo, salientamos as de Claparède, de Bühler e de Koffka. Claparède attribue ao brinquedo um objectivo de

grande importancia. "E' evidente — affirma este psychologo — que quando a criança brinca tem a impressão de buscar um fim tão interessante como o são os da vida pratica" (17). Mas os fins procurados pelo brinquedo são *ficticios*, que apenas servem de estimulante da actividade ludica, isto é, "não é para attingir ao fim que a criança realiza o acto, é, ao contrario, para ter occasião de realizar o acto cujo fim é proposto." Por isso é que os brinquedos de construcções são indefinidamente recomeçados pelas crianças. Para Claparède é essa procura de fins utilitarios que caracteriza o brinquedo; o *como si* realmente prova que as situações do brinquedo não são situações reaes: a criança age *como si* estivesse em face de uma realidade. O brinquedo é então uma oportunidade para a criança affirmar a sua personalidade pela acção. Mas essa tendencia imperiosa de affirmação da personalidade não encontrando os meios communs de exercicio, tende a criar derivativos illusorios que substituem a realidade. *Fazendo de conta* que é grande, na imitação das actividades adultas, das actividades do pae ou da mãe — realiza plenamente a criança uma compensação pela illusão (18). A criança deriva para a ficção "porque as circumstancias reaes não são de natureza a satisfazer sempre suas tendencias profundas"; ella recorre a essa actividade succedanea da realidade pela sua incapacidade de agir seriamente e pela opposição das circumstancias exteriores. O brinquedo vem então corresponder a uma necessidade de affirmação da personalidade da criança por meios que estão ao alcance de suas forças, isto é, graças a uma compensação illusoria.

Bühler considera o brinquedo infantil como uma actividade que tem por factor o *prazer funcional*. "Chamaremos brinquedo — diz este psychologo — toda actividade dotada de prazer funcional e que se mantem em virtude deste mesmo prazer e graças a elle, quaesquer que sejam seu ulterior rendimento e suas reacções de utilidade" (19). Assim, a conducta da criança que agita os membros, que balbucia, apprehende os objectos, corre, salta, etc., revela prazer nascido da propria actividade e que é a causa da sua repetição constante.

Oppondo-se em certo sentido á concepção de Spencer, Bühler acha que a natureza agindo directamente sobre os animaes novos, dota-os de uma riqueza de energia, de actividades necessarias ao adestramento da vida adulta. Esta exuberancia de actividade converte-se em fonte de prazer — de prazer funcional — posto á margem todo o exito a que esta actividade attingir.

Sem perder de vista o conceito central de sua escola, K. Koffka considera o brinquedo da criança como uma actividade resultante de suas *estructuras* ainda em estado rudimentar, á semelhança do primitivo. O mundo infantil é construido de *estructuras* independentes, emquanto o mundo do adulto é apreendido como um *todo*. Assim, — diz Koffka — a criança pode ser hoje carvoeiro, amanhã soldado; pode mimar agora um pedaço de madeira e depois atirá-lo ao fogo: não ha conflicto entre as differentes acções visto como nenhuma relação de interdependencia existe entre ellas. Logo que um objecto satisfaz um seu desejo presente é considerado como tendo todas as propriedades desejaveis. A criança tem uma visão unilateral do mundo. Accentuando o sentido utilitario da concepção de Groos, Koffka toma uma attitude de restricção quanto “á falsa applicação pedagogica” que se procura introduzir nos jogos infantis (20). A criança desconhece completamente o fim que o brinquedo representa para ella, mas Koffka vê nelle uma actividade *com exito*, prescindindo de todo resultado de prazer ou desprazer.

A concepção *psychanalytica* do brinquedo.

O brinquedo infantil é explicado por Freud pelos *principios de prazer e de realidade*. Na criança, desde o nascimento, predomina o principio de prazer. No seu *psychismo* existe apenas o nucleo central — o *Id* — que a pouco e pouco se desenvolverá segundo um plano de formações successivas e interdependentes. Nesta porção profunda da personalidade residem os impulsos aggressivos e destructivos componentes do inconsciente ancestral, hereditario. A criança por isso não conhece as restricções moraes e sociaes: ella se conduz guiada

por esses impulsos primitivos e desordenados a que Freud denomina os *impulsos de vida*. Podemos dizer que a linha de sua conducta é a que lhe dita o principio de prazer pela satisfação daquelles mesmos impulsos. A criança tende á aggressividade e á destruição como uma maneira de impôr por todos os meios a necessidade de viver. Não ha limitações de ordem moral ou social para a sua attitude inicial aos primeiros contactos do mundo exterior. Como o prazer que lhe proporciona a expansão dos impulsos primitivos identifica-se com a sua propria vida, a criança procura repeti-lo — é o que Freud chama o *principio de repetição*. Quem observa a conducta da criança e nota particularmente como ella reproduz indefinidamente os mesmos actos, aparentemente inuteis, por certo, acceitará o principio de prazer e de repetição como normas predominantes nos primeiros passos da infancia.

Mas o psychismo da criança tende a evolver. Cedo põe-se o *Id* em contacto com o mundo exterior. A realidade penetra aos poucos na sua formação psychica por intermedio do mecanismo *percepção-consciencia*. Lentamente, graças ás aquisições perceptivas, processa-se o phenomeno de *accommodação*. Já não se torna possivel á criança dar expansão completa aos impulsos amoraes e asociaes do *Id*. Em face da realidade vae tomando ella uma nova attitude: substitue o principio de prazer pelo principio de realidade. Forma-se, então, o *Ego* como uma instancia repressiva do *Id*. Com mais algum tempo — entre 5 e 6 annos — começa a differenciar-se do *Ego* uma outra formação o *Super-Ego* ou o ideal do eu. Organiza-se esta nova instancia psychica que tem por fim evitar a irrupção no *Ego* dos impulsos primitivos do *Id*. O *Super-Ego* tem a sua origem na ultima phase do complexo de Edipo, quando a criança começa a identificar-se com o pae, a considerá-lo como a idealização da força e do saber. A partir desse momento o pae representa a autoridade que é preciso acceitar e imitar. O principio de realidade tende então a orientar-se segundo essa nova instancia repressiva, feita de normas moraes, sociaes e religiosas. A criança terá uma conducta em confor-

midade com as restricções e as imposições estabelecidas pelo padrão de vida social. Graças á influencia permanente da educação dá-se o recalçamento do inconsciente, dominando dahi por deante as exigencias do *Super-Ego*. De certo que o processo evolutivo normal determinará a directriz do comportamento de cada individuo. Mas como esse ideal do *eu* é uma formação imposta por acção restrictiva do meio, a formação mais profunda da personalidade adquirirá novos meios de expressão que estejam em conformidade com as exigencias moraes e sociaes. Esses meios de expressão são symbolos — verdadeiros derivativos do *Id* que permanece activo apesar da censura das instancias superiores.

No brinquedo a criança tem oportunidade de dar expansão aos impulsos archaicos que teem por séde o *Id*. “Todas as reacções do comportamento da criança em relação ás suas bonecas, aos seus animaezinhos de pau, etc. — escreve Arthur Ramos — são assim expressão directa de sua attitude em face das primeiras impressões de seu *entourage*: pae, mãe, etc.” (21). Aquelles impulsos mais profundos — velha herança da especie — e aquelles desejos e aspirações do inconsciente individual são simbolicamente representados por meio dos brinquedos. Nessas differentes formas de expressão do nucleo fundamental da personalidade podemos notar os residuos de uma vida que carece de uma feição condizente com o actual estado de civilização. Manifestam-se desta maneira os antigos impulsos de aggressividade por meio de jogos inoffensivos em que tomam parte verdadeiros simuladores da combatividade do primitivo: os ataques, as batalhas de mentira se acham enquadrados nesta concepção do brinquedo infantil. Igualmente os impulsos sexuaes que nascem com o individuo e o acompanham sempre identificados com a propria vida, manifestam-se sob aspecto symboliço no brinquedo da boneca, nas imitações de scenas domesticas, na camaradagem, nos esportes, etc.

Por seu valor symbolico é então o brinquedo empregado como meio de sondagem do inconsciente na criança. A psychanalyse utiliza-se sempre das actividades espontaneas — associações de idéas, actos falhados e sonhos — como instru-

mento de pesquisa do nucleo profundo da personalidade. No brinquedo, a criança poderá revelar da maneira mais exuberante as suas inclinações e disposições reprimidas durante o desenvolvimento individual, por acção das forças coercitivas do meio. Encontram-se no brinquedo todos os meios de analyse do inconsciente: as acções espontaneas, as expressões verbaes, as attitudes e até mesmo o sonho, porque o brinquedo tem muito do symbolismo dos sonhos. Melanie Klein emprega de preferencia o brinquedo como instrumento de analyse das tendencias e inclinações infantis.

A função prospectiva da theoria de Groos teve uma ampliação e uma orientação nova com a escola de Alfred Adler. Aspecto do brinquedo infantil posto em relêvo pelo autor da psychologia individual é o objectivo de superioridade que se descobre na inclinação ou propensão de mandar. Como ha na criança uma necessidade de affirmar-se e dar expansão a suas aspirações e desejos, é no brinquedo que ha possibilidade de exteriorização dessas mesmas aspirações e desejos. Aquelle objectivo de superioridade que Adler surpreende no brinquedo pode ser considerado como a compensação do ideal infantil de *ser grande*. *Fazendo de conta* que é grande, na reprodução das actividades dos paes realiza plenamente essa compensação. Além desse afan de dominio do brinquedo, Adler ainda salienta a sua função como preparação para a vida e despertar do sentimento de comunidade. Na attitude que adopta a criança no brinquedo, nas suas preferencias e na importancia que attribue a elle, Adler vê uma regular preparação para o futuro. E ainda "os brinquedos são tambem, antes de tudo, uma exteriorização do sentimento de comunidade, tão grande na criança que procura nelles sua satisfação, apezar de todos os obstaculos" (22). Dahi affirmar que nos brinquedos infantís ha pelo menos um dos tres factores: preparação para a vida, sentimento de comunidade e afan de dominio.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1, 18 — Sylvio Rabello — A Representação do tempo na criança — São Paulo.
- 2, 12, 14 — T. Causi — Bosquejo de una teoria biologica del juego infantil — 1924. Madrid.
- 3 — L. Levy-Bruhl — Les fonctions mentales dans les sociétés inferieures — 1922 Paris.
L'Ame primitive — 1927. Paris.
- 4, 20 — K. Koffka — Bases de la evolucion psíquica (trad.). 1926. Madrid.
- 5, 7, 10, 19 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño. (trad.). 1934. Madrid.
- 6, 13 — K. Groos — Les jeux chex les animaux. (trad.) 1902. Paris.
- 8 — R. Gaupp — Psicologia del niño. (trad.). 1927. Barcelona.
- 9 — F. Queyrat — Les jeux de l'enfant. 1905. Paris.
- 9, 17 — Ed. Claparède — Psychologie de l'enfant et Pedagogie Experimentale. 1926. Genève.
- 11 — Stanley Hall — Apud Ed. Claparède in op. cit.
- 15 — Carr — Apud E. Claparède in op. cit.
- 16 — K. Lange — Apud T. Causi in op. cit.
- 21 — Arthur Ramos — Educação e Psychanalyse. 1934. São Paulo.
- 22 — A. Adler — Conocimiento del hombre. (trad.) 1931. Madrid.

RESUMO

1 — A infancia e a idade adulta são duas esferas de vida, cada uma com o seu significado e conteúdo próprios. O processo de interpenetração e de justaposição desses dois mundos é favorecido pelo brinquedo. Brincando a criança tem oportunidade de expandir o nucleo archaico que cada individuo guarda como uma herança ancestral.

2 — O animismo infantil á semelhança do animismo do primitivo attribue ás cousas inanimadas as qualidades de vida dos seres animados; constitue este animismo aspecto dominante do brinquedo.

3 — O brinquedo apparece com as actividades vitaes que despertam nos primeiros momentos, logo que essas actividades se exercitam com prazer. O brinquedo se distingue das demais actividades pelo seu character affetivo.

4 — O brinquedo reduz-se a principio aos movimentos desordenados dos membros e aos exercicios vocaes; com a apreensão e a marcha torna-se mais variado; e com o desenvolvimento da invenção elle se apresenta sob modalidades innumeradas e imprevistas.

5 — Kal Groos divide os brinquedos em brinquedos experimentaes e collectivos; graças aos primeiros, que são os mais precoces, a criança desenvolve as actividades geraes; graças aos segundos, que são as formas superiores de brinquedo, a criança dá expansão ás actividades especiaes, necessarias á vida em commum.

6 — Em cada momento da vida a criança tem necessidade imperiosa de satisfazer umas tantas disposições physicas ou mentaes; a escolha, a perseverança ou a mobilidade no brinquedo se acham em função dessas mesmas disposições.

7 — E' possível que a boneca descenda em linha recta dos symbolos totemicos dos povos primitivos, symbolos que foram perdendo o seu character mythico com o desenvolvimento da mentalidade humana.

8 — O brinquedo tem um valor proprio pelo que importa em desenvolvimento mental e affirmação da personalidade infantil; por isso é que Bühler denomina de miseraveis propositos educativos á tendencia de introduzir-se nos jogos certas noções instructivas.

9 — Para a concepção philogenica o brinquedo infantil é considerado como vestigios de actividades ancestraes, cujo exercicio é necessario ao organismo da criança afim de permittir o desenvolvimento de outras funções. E' a theoria de Stanley Hall.

10 — Emquanto a concepção vulgar affirma que o brinquedo é um meio de adquirir a criança energia physica e mental, a theoria de Spencer considera-o como um meio de consumir o excesso de energia que existe na criança.

11 — A concepção biologica relaciona o brinquedo com a necessidade de crescimento da criança. Para Groos o brinquedo é uma actividade preparadora da vida futura; para Carr é um estimulo do crescimento; para Lange é um excitante das tendencias innatas.

12 — A concepção psychologica considera o brinquedo do ponto de vista de seu aspecto mental. Para Claparède é o brinquedo uma forma illusoria de affirmação da personalidade; para Bühler é uma actividade que tem como factor o prazer functional; para Koffka é uma actividade resultante das estruturas rudimentares da criança.

13 — O brinquedo segundo a concepção psychanalytica se relaciona com os impulsos aggressivos e destructivos do nucleo profundo da personalidade — o Id. Para Freud a criança tende a affirmar-se segundo os principios de prazer e de realidade.

14 — Para Adler o brinquedo infantil prende-se ao objectivo de superioridade que não é mais do que uma compensação do ideal infantil de ser grande; alem desse afan de dominio ha a

considerar ainda no brinquedo o estimulante do sentimento de comunidade.

15 — No brinquedo a criança revela de maneira exuberante as suas inclinações e disposições reprimidas durante o desenvolvimento individual por acção das forças coercitivas do meio.

VOCABULARIO

Abstracção — Função intellectual que consiste em considerar isoladamente elemento ou elementos de um facto ou idéa.

Amoral — Diz-se daquillo que não se relaciona com os principios moraes.

Animismo — Tendencia primitiva e infantil que attribue qualidades vitaes a seres inanimados.

Cathartico — Relativo á catharse, isto é, liberação dos impulsos reprimidos pelas restricções do meio.

Censura — Força psychica que reprime os impulsos aggressivos e destructivos do id.

Complexo de Edipo — Symbolo psychanalytico que significa a inclinação sexual da criança pelo pae ou mãe. Aproveitamento da lenda de Edipo, filho de Laio, rei de Thebas, e de Jocasta.

Ego — Porção da personalidade que se põe em contacto com o mundo exterior e é regulada pelo principio de realidade.

Id. — Porção profunda, séde dos impulsos aggressivos e destructivos que cada individuo herda das gerações primitivas; é regulado pelo principio de prazer.

Inconsciente ancestral — Conjuncto de instinctos e tendencias mais profundas do Id. — herança da animalidade da especie.

Inconsciente individual — Conjuncto de disposições e tendencias que constituem o fundo da individualidade.

Instancia — Construcção psychanalytica que representa as differentes porções do psychismo humano.

Mythico — Referente a mythos — construcções fabulosas, producto da invenção conservado pela tradição collectiva.

Percepção-consciencia — Estructura psycho-physiologica responsavel pela relação entre o individuo e o meio exterior.

Principio de prazer — O que regula a livre expansão dos impulsos profundos do Id.

Principio de realidade — O que regula a repressão do Id por imposição restrictiva das normas moraes e sociaes.

Prospectivo — Que diz respeito ao que está distante, no futuro.

Psychologia individual — Escola criada por Adler, dissidente da de Freud. Assenta sobre principios em função do eu, emquanto a de Freud assenta sobre principios em função da especie.

Recalcamento — Expressão reservada para significar a repressão dos impulsos que não se ajustam ao padrão de vida actual.

Super-ego — Instancia psychica superior formada dos ideaes

e aspirações da personalidade. A psychanalyse relaciona-o com a resolução do complexo de Edipo.

Totem — Entidade a que os primitivos attribuíam poderes sobrenaturaes.